O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — Manuel Firmino d'Almeida Maia, Barbosa de Magalhães, J. E. d'Almeida Vilhena, Augusto Ribeiro, Marques Gomes, Alves d'Azevedo, Francisco de Magalhães, e Firmino de Vilhena

ANNO XLV

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 20 DE MARÇO DE 1895

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 4:152

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Reforma administrativa.—Carta politica.—Movimento republicano no Porto.—Declaração precisa.—Noticias do estrangeiro.—Noticiario.—Os exercicios escolares.—O duello.—Assumpto historico.—Carta de Goes.—Communicados.—Pelo estrangeiro.—Folhetim: Magdalena.—Secção historica.—Secção scientifica.—Secção official.—Secção agricola.—Secção litteraria.—Carta de Lisboa.

AVEIRO

Reforma administrativa

IV

São concelhos de 2.ª ordem os que forem sédes de comarca e ainda outros, quando tenham estes ultimos recursos sufficientes para custear as suas despezas, art.º 2.º § 2.º Mas se a camara municipal tiver a seu cargo a administração dos interesses communs aos concelhos que fizerem parte da respectiva circumscripção judicial, o numero de vereadores que no primeiro caso é de sete, fica depois acrescentado com mais dois de cada concelho. Assim, por exemplo Aldeia-Gallega, cuja comarca se compõe de quatro concelhos. A cabeça ou capital elege sete, e os outros dois cada um, ficando composta a vereação de treze, exactamente o numero que d'antes tinham os procuradores ás juntas geraes de districto, nos termos do Codigo de 1842.

Vê-se que o invento é engenhoso. com quanto seja esmagador para os concelhos de terceira classe, que ficam reduzidos a simples fantoches, de mais a mais presididos por um delegado do administrador do concelho, tirando-se ás corporações administrativas toda a importancia nas cousas locaes, pois a limitada iniciativa que o governo deixou aos municipios, passa para os concelhos de 1.ª e 2.ª ordem. Os de 3.ª ou serão extinctos, como tudo leva a crer, ou ficam de oratorio para o serem na primeira occasião.

As commissões districtaes, ficam tendo por presidente o governador civil. Pelos Codigos de 1842 e 1878 estes magistrados presidiam aos conselhos de districto, que funccionavam como tribunaes administrativos e exerciam attribuições consultivas e tutelares. Esta engrenagem compunha-se de quatro juizes effectivos e quatro substitutos. Pela reforma de 1886 foram creados os tribunaes administrativos, compostos de um presidente e dois vogaes, todos juizes de terceira classe.

Pois agora não foi do agrado do chanceller restabelecer as antigas juntas geraes, mas em compensação foi adoptado o chumaço da dictadura de 1892. Ficaram as commissões districtaes. Augmentaram-se-lhes porém as funcções contenciosas e adicionaram-lhes um audictor administrativo que deve ser bacharel formado, e o presidente nato, que póde ser analphabeto. Quanto a este ultimo, o seu titulo de capacidade está no diploma de empregado de confiança. Segundo as theorias do nosso Bismark do Fundão, o poder central deve levar a toda a parte o olho de Vidoc. Sem a pressão que vem de cima, não consente elle que haja uma camara municipal de concelho de terceira ordem, ou uma commissão eleita pelos municipios do districto. A centralisação mais descaroavel fica pois assim implantada na estancia administrativa.

As camaras que carecerem de subsidio especial superior a 1:000$000 réis, art.º 70, terão os seus presidentes escolhidos pelo ministro do reino, e nomeados annualmente por decreto do governo, quer os concelhos sejam de 3.ª, 2.ª ou 1.ª ordem! Podem os mesmos ser reconduzidos. Esta arma corruptora é criação do sr. João Franco, ou pelo menos tem s. ex.ª as honras da paternidade. Com a bolsa dos trinta dinheiros, arranja o executivo um presidente da sua confiança. A que degradação chegou no paiz a administração municipal, que o ministro poz assim em almoeda para lhe dispensar os favores ou antes as saugrias do thesouro!

Mas onde se revela a insciencia do legislador é exactamente na parte que se refere ao imposto indirecto. Dispoz elle, art.º 81 § I, que sobre os generos sujeitos ao real d'agua, a exigencia municipal não pode ir alem de 100 p. c. Por exemplo o vinho paga ao estado 7 réis por litro, e ao nosso municipio 18 réis. Mas se diminuir a percentagem de conformidade com o preceito citado, decresce a receita do concelho, e haverá necessidade de recorrer ao tributo directo, o que será uma calamidade para a propriedade, para a industria já tão onerada e para os que pagam contribuição de renda de casas. N'esta parte o que nos pareceu sempre melhor, é não alterar os uzos estabelecidos. Com a diminuição do imposto directo não barateará o custo dos generos sobre que elle incide, não se reflectindo porém no consumo. E nenhum municipio deixará de lançar mão das contribuições directas, o que será muito mais violento, trazendo grande perturbação á vida economica das nossas terras de provincia.

E como se prende com os municipios e parochias a doctrina do artigo 441.º e seus §§ do novo Codigo, não deixaremos de pôr aqui em relevo uma das muitas estravangias que pejam este trabalho. Depois de feito o inventario dos baldios, ou a revisão dos que estiverem organisados, separar-se-hão os que se julgarem indispensaveis para logradouro commum, sendo os restantes divididos e dados por aforamento em partes eguaes a todos os chefes de familia, que ha mais d'anno sejam compartes na fruição d'elles. A divisão será feita por uma commissão composta do administrador do concelho, escrivão de fazenda e presidente da corporação que superintender na administração dos mesmos baldios.

Depois, no § 7.º, topa o leitor com a seguinte notavel disposição:

«O foreiro é obrigado a aproveitar na cultura conveniente, dentro de cinco annos, o terreno aforado, *não lhe sendo permittido*, durante este prazo, *alienal-o, arrendal-o, ou oneral-o com hypotheca, sob pena de caducar o aforamento*, revertendo o terreno ao logradouro commum para ser dividido pelos novos chefes de familia da povoação respectiva; é isento de contribuição predial durante dez annos etc.»

Isto é simplesmente exotico, e nós depois diremos o mais que a cota dictatorial está exigindo.

Se, nos termos do § 1.º do citado art. 441.º, os baldios, depois de separados os que se destinarem a logradouro commum, forem divididos em partes eguaes *entre todos* os chefes de familia, como se presume que haja mais chefes de familia, para se proceder a nova partilha quando se dê a hypothese do § 7.º que acima transcrevemos? E depois quando, por ignorancia ou necessidade absoluta, o emphyteuta arrende ou onere a sua propriedade, como ha de proceder-se á nova divisão quando os *novos chefes* de familia sejam mais de dois? Far-se-ha a partilha em dozes homeopathicas?

Mas o que achamos absurdo, e além d'absurdo illegal e attentatorio do direito de propriedade, é a prohibição imposta ao foreiro de *arrendar*, (sic) *alienar ou hypothecar* o terreno baldio de que o municipio ou a parochia fôr directo senhorio. Isto é contrario ás disposições da legislação patria, e *ipso facto* irrito e nullo. Querer o dictador do Alcaide que todos os moradores visinhos da parochia ou do municipio sejam cultivadores, ou mandem cultivar de conta propria as glebas que lhes forem concedidas por phateosim, o mesmo é que pretender governar em casa alheia ou na lua. No nosso paiz uma grande parte dos proprietarios não é cultivadora. Trazem arrendadas as suas terras aos que n'ellas mourejam a maior parte do anno. Ora um operario, que manusear a serra, ou a picareta ou faça como alvener uzo da trôlha, não se acha habilitado para a enchada nem é capaz de sulcar o campo agarrado á rabiça da charrua. E querer que todos trabalhem na terra, levantando as leivas, cavando e semeando cereaes, ou fazendo enxertos, é manigancia propria d'estes tempos de desorientação que vão correndo.

O sr. João Franco porém entendeu que lhe cumpria regenerar o paiz, preparando-o para obras uteis. Supoz que existiam no continente e ilhas muitos terrenos baldios, e que havia de transformar em proprietarios e lavradores todos os individuos, embora exercessem misteres differentes e absolutamente incompativeis com a vida agricola. E então arvorou esta como preceito *si ne qua non. Ou tudo arroteia as leiras que lhe forem concedidas, ou se as arrendar, hippothecar ou vender fica sem ellas.* Este ukase na Russia boyarda podia desculpar-se, mas em Portugal, e nos tempos em que vivemos, a ordenança é tão atrabiliaria, que chega a ser pequice. E não é só pequice, é tambem digna de gargalhada publica. E todos sabem que o que mata os governos de força que dão raias d'estas, é o ridiculo dos seus actos.

E é com taes puerilidades que a dictadura pretende que a tomem o serio.

Continuaremos.

CARTA POLITICA

LISBOA 19 DE MARÇO DE 1895.

Escrevo sob a impressão que sente quem vê as causas publicas tratadas por mãos de Herodes, e conhece que tudo conspira para uma catastrophe proxima. A um governo desaustinado e sem orientação, seguem-se-lhe empregados de confiança que valem quasi tanto como os palinuros.

E' o caso. Sabem todos que se acha ha dias n'esta cidade o commissario de policia do Porto, Moraes Carvalho, e que veio apavorado com as cousas que se passam no invicto baluarte, que hasteou o balsão da liberdade, e onde jaz o coração de D. Pedro IV. Pois veio este agente da auctoridade com o fim de communicar ao ministro do reino que o Porto era um volcão revolucionario, que se projectavam cousas espantosas, que a força da guarnição ia feita no movimento em gestação, e que elle não respondia pela manutenção da ordem publica quando o executivo não declarasse imediatamente suspensas as garantias na laboriosa cidade, de que Guilherme Braga disse:

Não fazem ninho os milhafres
Na caverna dos leões,

Ora todas estas exigencias coincidiram com a transferencia dos sargentos para outros corpos da provincia e com o dizer-se que o ministro do reino está resolvido a dissolver a camara municipal se por ventura esta corporação na representação que dirigir a el-rei sobre a reforma administrativa for menos respeitosa com os poderes constituidos. Em Lisboa o governo não consentiu que a municipalidade reunisse para protestar contra aquelle diploma centralisador e insustentavel, que é só por si uma affronta ás franquias dos seus habitantes. No Porto, porém, não teve coragem para recusar a reunião plenaria e deixou-a fazer, com o presuposto de se aproveitar do ensejo para praticar mais uma tropelia.

Ha porém quem se lembre ainda do que ahi succedeu em 1867, quando em sessão publica da camara dos deputados o ministro Martens Ferrão proferiu algumas palavras que os cidadãos do Porto interpretaram como offensa assignando-se nos logares publicos um protesto contra o governo, de cuja bancada saira o repto. E o caso é, que esta manifestação foi o prologo do movimento que teve por epilogo a queda do ministerio da fusão, em 2 de janeiro de 1868.

Se os portuenses se houverem hoje com a hombridade que então tiveram, o valido d'el-rei sumir-se-ha pelo alçapão, exactamente como fantoche que desapparece em theatro de feira. Em quanto os deixam á solta, os dictadores ameaçam ceus e terra; mas apenas o povo lhes bater o pé, nem sequer pararão na corrida em suas proprias casas. Elles bem conhecem as resistencias que estão provocando; mas em quanto ellas não rebentam em tumultos, em quanto o paiz estiver apparentemente tranquillo ou indifferente, os ministros vão carregando a pilha, até que a pressão faça ir tudo pelos ares.

Ouvi já dizer que a coroa deixava correr os marfins, por ver que ninguem se mexia, e que a indignação publica era puramente platonica, reunindo e protestando o povo nos comicios com a maior cordura e sensatez. Mas é que nas alturas parece que escapam á observação os mais graves indicios de tempestade proxima. Temos rei sem carta, e não deve surprehender que um dia, cedo ou tarde, dispensada de facto o constituição, o povo tambem se lembre de ir um pouco mais longe do que os actuaes dirigentes. Como isto de legalidade vae sendo peta, e os ministros se descartaram das côrtes, lançando e cobrando impostos, de conta propria, não será muito que um dia o pacato contribuinte, cançado de aturar a loucura dos governos, sacuda a juba e se levante para impôr de vez a sua vontade soberana.

E' inquestionavel que o descontentamento publico se tornou geral. Não é só em Lisboa que se revela o mal estar. O governo em vez de fazer economias sem prejuizo dos direitos adquiridos, fantasia necessidades e dispende em manobras, em reformas militares e quejandos avelorios muitos milhares de contos. Assim não ha acrescimo de receita que chegue para o custeio das despezas. Não ha administração. Foram suprimidas as garantias publicas. Agora pretende-se o sequestro dos direitos individuaes na segunda cidade do reino, com o pretexto de, no caso da camara municipal ser dissolvida, estar tudo combinado para eleger uma vereação republicana. Brincam com fogo os ministros e as circumstancias são mais graves do que a elles se affiguram. E se não esperem e verão.

— Na Hespanha cahiu o gabinete presidido por Sagasta, não obstante o apoio que lhe prestavam Canovas del Castillo e os seus amigos. Hontem chegou a espalhar-se que Madrid tinha sido declarado em estado de sitio. Já se vê que os tempos não correm azados para aventuras. Mas o sr. D. Carlos diz que não tem medo e parece desejar ver a conflagração preparada por os seus ministros responsaveis. Se não fosse ter em vista o interesse do paiz era caso para se lhe dizer: «Seja feita a vossa vontade.» Mas com o conflicto que o governo está preparando, virão fatalmente grandes perturbações, e a poz ellas... a liquidação será desastrosa.

Não veem porém isto os governantes, e tanto peor para elles e... para nós.

W.

MOVIMENTO REPUBLICANO NO PORTO

Sobre assumpto o *Conimbricense* de hontem escreve:

E' surprehendente o desenvolvimento que no Porto vão tendo as ideias republicanas, em todas as classes da sociedade. A irritação é tão grande contra a marcha absolutista do governo, que uma grande parte dos habitantes do Porto não se limitam a luctar contra elle, mas julgam indispensavel tomar uma posição decisiva, com a mudança das instituições, visto não acharem já quem ponha cobro a tantos attentados como os que se estão praticando. Grande numero de progressistas têm passado para as fileiras republicanas; e muitos outros os vão seguir. Torna-se assombroso este facto n'uma cidade como o Porto, que foi sempre liberal; mas em todo o caso ligada á monarchia representativa.

*

Na revolução do Porto em 24 de agosto de 1820 dizia o *conselho militar* na sua proclamação:—*Criemos um governo provisorio em quem confiemos. Elle chame as côrtes, que sejam o orgão da nação, e ellas preparem uma constituição que assegure nossos direitos. O nosso rei e senhor, o sr. D. João VI, como bom, como benigno, e como amante de um povo que o idolatra, hade abençoar nossas fadigas.* A *junta provisoria* creada no mesmo dia 24 d'agosto dizia na sua proclamação:—*O mundo conhece bem, que a nossa deliberação não foi effeito de uma raiva pessoal contra o governo, ou d'uma desaffeição á casa augusta de Bragança: pelo contrario, nós vamos por este modo estreitar mais os laços d'amor, de respeito, e de vassallagem com que nos achamos felizmente ligados á dynastia do immortal João IV.: e as virtudes, que adornam o coração do mais amado de seus descendentes, nos affiança que elle ha de unir os seus aos nossos esforços, felicitando um povo, que tantas acções de heroismo tem praticado para lhe segurar na fronte a corôa do luso imperio.*

Quando D. Miguel, tendo vindo para Portugal, como logar tenente de seu irmão D. Pedro IV, e regente na menor edade de sua sobrinha D. Maria II, tratou de rasgar a Carta, houve no Porto a revolução liberal, começada no dia 16 de maio de 1828.

O *conselho militar*, nomeado em 17 de maio, proclamou os direitos de D. Pedro IV e de sua filha D. Maria II, juntamente com a Carta, outorgada por D. Pedro.

Da mesma fórma a *junta provisoria encarregada de manter a legitima auctoridade de el-rei o sr. D. Pedro IV*, dizia no seu **manifesto** — *que sempre foi para defender os seus reis jurados, e não para tirar-lhes o sceptro, que a nação portugueza correu ás armas. Não foi a nação portugueza quem desthronou o sr. D. Sancho II, mas sim alguns nobres descontentes e alguns ecclesiasticos orgulhosos, a quem favorecia o espirito de dominação temporal, que a côrte de Roma, em tempos de barbaridade, tinha manifestado.*

A *junta provisoria* reconhecia a Carta Constitucional, mas com a dynastia por ella estabelecida.

Quando posteriormente em Outubro de 1846 se creou no Porto a *junta provisoria*, para resistir ao governo da emboscada palaciana de 6 d'esse mez, dizia esta na sua **proclamação** aos portuguezes, em data de 11 de Outubro:—*Os estrangeiros que vivem no palacio e os facciosos sequazes do ministerio Cabral, commetteram o maior dos attentados, cercaram a rainha, violentaram-na e extorquiram a sua real assignatura, prenderam o presidente do seu conselho para demittir os ministros, que tão lealmente a serviram e nomearam outros cujas intensões estao já manifestadas pelos seus actos.*

Dizia a mesma *junta provisoria* na sua **proclamação**:—*D. Maria II, a herdeira dos Henriques, dos Avis e dos Braganças, a rainha constitucional, está prisioneira nos paços onde reinava, na terra portugueza! A rainha em coacção? A liberdade em perigo? Ha um sagrado dever para todos —Correr ás armas.—Portuguezes, ás armas! A's armas pela liberdade e pela rainha.—Portuguezes, ás armas até vencer! Nação briosa o heroica, alça o teu braço, e supplanta todos os teus inimigos.*

Bem sabia a *junta provisoria* que a rainha D. Maria II, em vez de estar coagida, era exactamente ella a principal auctora da emboscada de 6 de Outubro, pretendendo assim annullar todos os effeitos do grande movimento popular de Maio; mas precisava de usar d'essa linguagem, a fim de ver se evitava a intervenção estrangeira.

Finalmente era o Porto tão considerado como partidario da monarchia representativa, que foi essa cidade escolhida para n'ella se proclamar a restauração da Carta Constitucional, em 27 de Janeiro de 1842.

*

Compare-se tudo o que em breves palavras temos exposto, com o assombroso desenvolvimento que estão tendo no Porto as ideias republicanas, e vejam que mudança immensa se tem operado nas opiniões politicas dos habitantes d'aquella cidade! Só cegos é que não vêem a transformação que se está operando em Portugal. Digam o que quizerem, mas a verdade é que os elementos monarchicos representativos estão a dissolver-se, e passando a tomar uma attitude diametralmente opposta á dos ultimos 60 annos.

O feroz conde de Basto respondia a quem lhe fallava em amnistia e tolerancia para com os liberaes—*que para os de fóra tinha balas e para os de dentro tinha forcas.* O resultado d'essa politica auctoritaria e intolerante foi vir elle morrer em Coimbra no dia 4 de agosto de 1833, tendo fugido de Lisboa com o resto do exercito miguelista; e ter D. Miguel de embarcar no dia 1 de junho de 1834 no porto de Sines para o estrangeiro, d'onde nunca mais poude voltar para Portugal.

O conde de Basto já não ponde prejudicar o total resultado da sua politica violenta, atrabiliaria e cruel. Viu-o, porém, o famigerado Fr. Fortunato de S. Boaventura, que em 1844 falleceu na Italia, sendo testemunha dos effeitos dos conselhos intransigentes dados por elle a D. Miguel, e por este facciosamente aceites. Tambem o sanguinario José Agostinho de Macedo não poude ver todas as consequencias da sua doutrina sanguinaria, publicada na *Besta Esfolada* e no *Desengano*; mas viram-no o padre Alvito Buela, redactor da cruel *Defeza de Portugal*, e o padre Recreio, redactor do *Cacete*, outros que taes defensores do *altar* e do *throno*. Não é preciso ir buscar exemplos no estrangeiro, temol-os de sobejo em casa.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Declaração precisa

O sr. Henrique de Barros enviou-nos a seguinte carta:

Sr. redactor.—Na *Gazeta da Figueira*, que se publica n'esta cidade, vinha hontem um artigo sob o titulo de *Ainda o Barão de Antanholes*, em que sou aggredido com diversas violencias. São umas larachas pouco dignas de gente que se preza e firmadas A. F. O motivo de tal aggressão, tão grosseira como desengraçada é a supposição em que está o auctor de ser eu o correspondente d'esta cidade para o seu acreditado jornal *O Campeão das Provincias*.

Como não ha nada de verdade em tal supposição rogo a v. o favor de declarar, se sim ou não eu sou esse correspondente, no seu jornal, ou de m'o mandar dizer em carta, que eu desde já peço licença para publicar. Pode v. fazer d'esta o uso que lhe parecer.

Subscrevo-me com toda a consideração e respeito,

De v. etc.

Figueira da Foz, 17—março—95.

Henrique de Barros.

O que temos a declarar é simples. O cavalheiro que se nos dirige nunca nos pediu a publicação de qualquer escripto nem é auctor das correspondencias da Figueira que aqui se publicam. E' isto o que affirmamos, e que não temos duvida em garantir sob a nossa palavra de honra.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

O governo hespanhol acaba de pedir á rainha regente a sua demissão collectiva. A causa da queda do gabinete no reino visinho não deixa de ser curiosa. Como se sabe, alguns jornaes hespanhoes referiram-se ás exigencias do exercito, por modo que não agradou muito a certos militares. Alguns officiaes subalternos commetteram então a violencia de atacar as redacções dos periodicos *El Globo* e *El Resumen*, partindo as mobilias, maltratando os redactores e empregados e praticando outros excessos que não dizem nada a bem da bravura dos auctores de taes proezas. Estes desatinos não fizeram mais que aggravar a já complicada questão dos militares com o governo, e este, comprehendendo que não podia chegar decentemente a uma solução, preferiu demittir-se. Sobre a aggressão dos militares, toda a imprensa de Madrid se pronunciou com palavras de aspera censura aos auctores dos ataques. No parlamento a sessão de sabbado, que versou sobre este assumpto, correu agitadissima. A solução politica do actual conflicto está intrincada. Espera-se que o general Martinez Campos seja encarregado de formar gabinete com politicos de todos os partidos, o que constitue uma situação inteiramente nova em Hespanha. Martinez Campos foi já nomeado capitão general de Madrid. Seguem os telegrammas:

Madrid, 17, m.—Foi tumultousa a sessão do congresso em consequencia da discussão levantada pelos ataques dos officiaes aos redactores do *Globo* e do *Resumen*. Tendo o ministro da guerra feito accusações aos jornalistas, os que estavam assistindo á sessão na galeria do congresso, sahiram logo que o ministro se referiu a elles.

Madrid, 17, t. — O conselho de ministros resolveu apresentar a demissão collectiva. Para esse fim o sr. Sagasta foi ao palacio, sendo recebido pela rainha regente, que acceitou a demissão do gabinete. A' manhã S. M. celebrará uma conferencia com os presidentes do congresso e do senado.

Madrid, 17. — Diz um telegramma de Manila que em Mahuit, Mindanao, houve um combate em que ficaram victoriosas as armas hespanholas; o inimigo perdeu 108 mortos, entre os quaes o sultão e seu filho e 18 dattos; e o exercito hespanhol, que era commandado pelos generaes Parrado e Aguirre, teve 17 homens mortos e 193 feridos, e tomou ao inimigo 4 canhões e grande numero de outras armas.

Madrid, 18. — A demissão do ministerio foi motivada pela questão entre os officiaes do exercito de guarnição em Madrid e alguns jornaes d'esta côrte. E' provavel a formação d'um ministerio de expediente sob a presidencia do marechal Martinez Campos; mas nada está por ora resolvido e varias soluções são possiveis. O que parece certo é o sr. Sagasta estar no firme proposito de não tomar a presidencia do novo gabinete.

Madrid, 18.—Foi hoje lida ao senado e á camara dos deputados a communicação da demissão dos ministros, sendo em seguida levantadas as sessões. O marechal Martinez Campos recebeu os officiaes da guarnição de Madrid, e decidiu fazer respeitar a lei por toda a gente. Dois jornaes republicanos serão processados pelo tribunal marcial.

Madrid, 18.—A rainha regente recebeu esta noite os srs. Montero Rios e marquez de la Vega de Armijo, presidentes do senado e da camara dos deputados, e o sr. Canovas del Castillo. Guarda-se grande silencio sobre os seus conselhos e opiniões. O boato da declaração do estado de guerra em Madrid é completamente infundado.

O telegramma que segue contem as ultimas noticias sobre o naufragio do cruzador *Reina Regente:*

Cadix, 18.—O cruzador *Affonso XII* encontrou o cruzador *Reina Regente* submergido no sitio de Bajó-Acsitunos, á entrada do Estreito de Gibraltar, tendo meio metro de mastro fóra d'agua. O cruzador *Affonso XII* voltou para o local do sinistro.

—

A' ultima hora

Madrid, 19.—Martinez Campos não quiz organisar gabinete. Continua Sagasta.

Pariz, 19.—E' positivo o casamento do principe d'Aosta, com a princeza Helena de Orleans. O pedido official vae effectuar-se.

NOTICIARIO

Expediente.—A abundancia de original que no momento chegou ao nosso escriptorio, impede-nos de publicar hoje algumas das publicações destinadas a este n.º, incluindo uma correspondencia da Figueira. Irão no n.º proximo.

Notas da carteira.—Com muita felicidade, o que nos é grato noticiar, deu á luz uma interessante creança do sexo feminino, hontem, precisamente no dia dos seus annos, a sr.ª D. Marianna José d'Almeida Azevedo, virtuosa esposa do nosso bom amigo e dignissimo juiz de direito, sr. dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo. Os nossos parabens mais sinceros e os nossos mais affectuosos votos pela felicidade da neophita.

Estadas.—Está em Oliveira d'Azemeis e é alli hospede de seu respeitavel thio o sr. Bernardo José da Costa Basto, a ex.ma sr.ª D. Leopoldina Pinto Basto, predilecta filha do nunca esquecido sr. José da Costa Sousa Pinto Basto, que foi n'este paiz um exemplo notavel da mais nobre isempção e da mais apurada probidade.

— Estão tambem na sua casa de Carregosa o sr. dr. Antonio Simões dos Reis e sua virtuosa esposa. Suas ex.as tencionam demorar-se alli alguns dias.

Manifestação.—No comboyo descendente da noite de hontem passou na estação d'esta cidade o regimento de caçadores n.º 3 com destino á expedição d'Africa. Na *gare* era aguardado pelo commandante, officialidade e sargentos do 10 de cavallaria, pela benemerita companhia dos bombeiros voluntarios d'Aveiro, com a fanfarra da secção *Barbosa de Magalhães* do Asylo-Escola Districtal á frente, socios do *Gymnasio Aveirense*, estudantes, imprensa local, e muito povo, que o saudou enthusiasticamente, fazendo-lhe uma grande ovação. A digna officialidade expedicionaria vinha toda ás portinholas, correspondendo com calor ás saudações não só dos seus camaradas, como de todo o publico. Foram soltados muitos vivas: A' patria, ao exercito, ao regimento de caçadores n.º 3, ao seu commandante, a cavallaria n.º 10, á independencia da patria, á cidade e povo d'Aveiro etc., reinando sempre o mais vivo enthusiasmo. Todo o corpo expedicionario ia animado do melhor espirito, e muito contente por tão expontanea manifestação.

Os officiaes inferiores de cavallaria 10, entrando a saudar os seus camaradas, entregaram lhes a seguinte mensagem:

Camaradas.—No desejo de manter a mais intima fraternidade para com os nossos camaradas expedicionarios do regimento de caçadores n.º 3 que em breve tempo se acharão nos embates da lucta nos nossos dominios africanos, a corporação dos officiaes inferiores do regimento de cavallaria n.º 10, na impossibilidade de poder manifestar de um modo mais significativo a sua passagem por esta cidade, pelo curto espaço de tempo que medeia da chegada do comboyo ao da sua partida, offerece-lhes um calice de vinho fino, como um modesto testemunho da nossa parte.

A mesma corporação, saudando-os, deseja e faz votos para que a victoria os bafeje, caso entrem em lucta contra os inimigos da patria africana que de tão longe reclama e brada pelo vosso auxilio, e que regressem em breve a este occidental paiz, o qual os espera receber orgulhosamente pelos louros colhidos no campo da lucta, em cujas folhas virá gravado, com letras d'ouro, o emblema—*Benemeritos da patria.*

Saudando-os mais uma vez, desejamos ardentemente que o clarão do vosso triumpho venha reflectir-se nas paginas da nossa historia patria, tão enriquecida de feitos heroicos!

Aveiro, 19 de março de 1895.

Fallecimento.—Falleceu em Coimbra o sr. José Joaquim Manso Preto, professor do lyceu aposentado. O fallecido foi sempre liberal e por que já quasi no fim da vida chegou ao convencimento de que dentro das instituições não ha remedio para os males que nos assoberbam, filiou-se no partido republicano, poucos dias antes de deixar a existencia. Foi sempre um perfeito homem de bem com larga folha de serviços ao partido progressista, em que muitos annos esteve. Foi nosso companheiro nas luctas pela liberdade —foi um exemplar de civismo, de honradez e de dedicação partidaria. Morreu com 74 annos de edade.

Aos que na terra deixou enviamos d'aqui a expressão sentida da nossa dôr.

O *Conimbricense* de hontem, fallando do extincto, diz:

«No domingo de manhã falleceu em Coimbra o sr. dr. José Joaquim Manso Preto. Era professor jubilado do Lyceu d'esta cidade, e secretario do mesmo Lyceu. Foi sempre de opiniões liberaes avançadas, pugnando pela realisação do seu ideal.

Quando ultimamente foi ameaçado de ser demittido pelo actual governo, assim como foi demittido o secretario da Universidade, publicou o sr. Manso Preto uma carta em que relatava os seus serviços a favor da causa popular. Alli mencionava a parte que em 1848 tomou na organisação da «Carbonaria Lusitana», n'esta cidade. A proposito diremos que possuimos as actas «originaes» da fundação e desenvolvimento da «Carbonaria». A acta da instalação é de 29 de Maio de 1848, e tem as assignaturas do grão mestre «Ganganelli» (padre Antonio de Jesus Maria da Costa), e do 1.º secretario «Lagrange» (José Joaquim Manso Preto). A copia authentica dos estatutos da «Carbonaria Lusitana», pela qual elles foram secretamente impressos, tem as mesmas assignaturas de «Ganganelli» e «Lagrange». Possuimos tambem os sellos da «Alta Venda» da «Carbonaria». Tem gravado o celebre verso do estadista francez Turgot, em honra do illustre americano Benjamin Franklin—«Eripuit coelo fulmen sceptramque tyrannis.

Procissão do Senhor dos Passos, em Ovar.—No proximo domingo, 24 do corrente, sahirá com toda a pompa e solemnidade a procissão do Senhor dos Passos n'aquella villa, percorrendo o itinerario do costume. Esta magestosa procissão, este anno, além das suas ricas alfaias de prata e ouro, tem o andor novo ricamente adornado, e egualmente nova a tunica do Senhor, de velludo rôxo, bordada a ouro, a qual foi feita pelo sr. Zulmiro Ferreira Campos, da cidade do Porto. Se o tempo o permittir, não haverá memoria de procissão tão magestosa em Ovar.

S. José.—Por honrosa iniciativa do dignissimo arcypreste e prior da Vera-Cruz, nosso presado amigo o revd.º sr. Manuel Ferreira Pinto de Sousa, solemnisou-se hontem na sua parochia, S. José com missa cantada e *Te-Deum*, que foi muito concorrido.

A Corôa de Louro.—A *Troupe Dramatica Aveirense*, composta de rapazes, que por differentes vezes têm ahi patenteado os seus dotes scenicos, anda ensaiando no nosso theatro aquella excellente comedia, que deve subir á scena para a Paschoa, em beneficio do cofre da philarmonica *Aveirense*. Toma parte no espectaculo uma gentil tricaninha, que tem revelado muita habilidade e muitos conhecimentos já da arte de Talma. A comedia é toda ornada de musica, que nos dizem ser lindissima. Deve, pois, haver uma enchente completa.

Sob guarda.—Está desde hontem á noute no commissariado de policia, sob guarda d'ella, o individuo que se suppõe ser o que feriu com um tiro de rewolver, na noute de 3 do corrente, o nosso amigo sr. Evaristo de Moraes Ferreira. Parece que as provas contra o individuo retido são já bastantes. Mas se foi elle é claro que o tiro não se destinava áquelle nosso amigo, mas a outro que tambem costuma passar no sitio, e com quem o individuo que praticou o attentado anda em clara desintelligencia. Deve estar para breve o esclarecimento do caso.

Feira da madeira.—Realisou-se hontem aqui esta importante feira annual, que esteve muito concorrida, vendendo-se toda a madeira de pinho, castanho, nogueira, etc., e bem assim os varios utensilios de lavoura que se expozeram á venda.

Feira de março.—Já estão a chegar os feirantes, pois este notavel mercado abre no dia 24. De devertimentos ha por ora um barracão para exposição d'um cosmoroma e outros trabalhos recreativos.

Mercado de pesca.—Tem chegado agora alguma sardinha de Peniche e das pescas do sul, genero que tem logo sahida prompta, porque a falta é grande por toda a parte. O preço da melhor aqui é de 2$500 reis o milheiro, e a 2.ª de 2$400.

Attentado.—Na noite de 14 lançaram duas bombas de dinamite junto da casa do regedor de Tabosa, proximo de Braga. A casa ficou muito abalada, mas não houve offensa pessoal, porque a familia do regedor, sr. Marinho, estava fóra.

Baixa de preço.—Diz um collega nosso de Penafiel que muito breve baixará alli o preço dos vinhos, por isso que as principaes adegas não venderam ainda nem teem tido procura. Effectivamente não ha nada que justifique o preço relativamente descomunal a que este genero chegou.

Mercado de sardinha em Setubal.—Sobre o assumpto um collega d'alli de 17 diz:

Venderam-se em lota n'este mercado, de 6 a 15 do corrente, 234 barcas com pequenas porções de sardinha no valor de réis 13:909$200, regulando a média 1$600 a canastra ou 3$000 réis o milheiro, sendo para as fabricas 188 barcas e para Lisboa, Hespanha e Alemtejo 46.

Previsão do tempo.—Segundo o boletim de Noherlesoom, teremos inverno para todo o mez. Eis o que o sabio astronomo diz da segunda quinzena d'este mez: Os primeiros dias da segunda quinzena d'este mez assemelhar-se-hão aos da quinzena anterior. De 18 a 20, depressões no Atlantico, que chegarão á Europa occidental, continuando o mau tempo, borrascoso e ventoso, dominando o nordeste. De 24 a 25, o tempo melhorará. Com as invasões occidentaes no nordeste do continente, a 30 e 31 haverá intensa depressão na região cantabrica, com chuvas geraes na peninsula. A 17 haverá chuva na peninsula, a 18 temporal nos Açores e a 19 no continente; a 20 chuva na Madeira, a 21 no nordeste da Europa e a 22 e 23 chuva e vento em Portugal.

Codigo Administrativo.—A *Bibliotheca Popular de Legislação*, com séde em Lisboa (Rua da Atalaya, 183, 1.º), cujas edições se teem acreditado pela exactidão e modicidade de preços, tem á venda o *Codigo Administrativo*, approvado por decreto de 2 de março de 1895, que revogou o anterior, de 17 de julho de 1886. Os corpos administrativos, como, camaras municipaes, juntas de parochia e até as irmandades carecem d'esta obra, que lhes preceitua os deveres e obrigações. Preço 240 réis. Tem as rectificações e erratas publicadas no *Diario do Governo* e indice. Veja-se o annuncio no logar competente.

«Revista Theatral».—Sahiu o n.º 5 d'esta magnifica publicação. Similar ás melhores *Revistas* d'este genero do estrangeiro e unica de Portugal, melhora de numero para numero. O n.º 5 inclue a nova producção de Lopes de Mendonça *O Paraizo Conquistado*. Um mimo litterario apresentado n'um papel e com uma composição modelo. Este novo acto é para ser interpretado só por duas pessoas. A *Revista* com a peça custa 120 réis o que é baratissimo attendendo a que dá o texto de 80 paginas em 8.º de leitura. Além d'isto traz curiosas correspondencias de Paris, Londres, Porto, etc., e curiosos artigos sobre as peças ultimamente representadas. Aconselhamos os nossos leitores a que vejam apenas um numero da *Revista Theatral*, porque estamos certos que vendo-o não mais deixarão de ser assiduos leitores de tão importante periodico. Além d'isto prosegue a publicação do *Saltimbanco* de Antonio Ennes, que já vae no 2.º acto.

Summario:—Estudos e doutrinas: *Palestrando...* por Augusto de Mello. Entreactos: *Perfil*, por Laim. Revista dos theatros: Theatro de S. Carlos, *Manon*, por A. M.; Theatro do Gymnasio, *A madrinha de Carley*, por Joaquim Miranda. Correspoddencias: Do Porto, por V. de Boaventura; de Paris, por Garcia de Miranda; de Londres, por Jack; de S. Petersburgo, por Luiz L.; Variedades. Bibliotheca dramatica: *Paraiso Conquistado*, por Lopes de Mendonça.

OS EXERCICIOS ESCOLARES

Dar á creança unicamente o ensino intellectual, converter a escola na jaula para assim dizer do espirito, immobilisar a infancia, amarral-a á galé da carteira, sobre a qual dobra constantemente a espinha, são isto praticas de ensino que as mais rudimentares noções de pedagogia condemnam em absoluto. Hoje está admittido em toda a parte, como um axioma, que é preciso alternar convenientemente o ensino physico com o ensino moral, para que o organismo não se atrophie e para que as creanças sejam um dia, não automatos intelligentes, mas homens validos, que saibam manter em perfeito equilibrio as suas faculdades, em proveito proprio e em proveito da communidade. Sendo todos de accordo n'este ponto, só existem algumas divergencias na maneira como se deva proporcionar a educação physica. São dois os systemas em voga, que se completam e auxiliam mutuamente, mas que por infelicidade nem sempre se conciliam, existindo rivalidades infundadas e perniciosas entre os seus respectivos campeões. Uns entendem que a gymnastica, segundo os processos para assim dizer classicos, é o systema que se deve adoptar de preferencia, em absoluto, com exclusão de qualquer outro. Ha, porém, quem sustente, e com bons argumentos, que isto não é bastante, e que é necessario juntar-lhe os exercicios ao ar livre, a pratica dos jogos tradicionaes, methodicamente organisada e dirigida.

Foi movido por estas ideias que o conselho municipal de Pariz, deixando-se impulsionar pela propaganda da Liga da educação physica, introduziu no programma do ensino primario os jogos escolares. Desde 1891 que esta innovação principiou a ter realidade e os seus resultados parecem de todo o ponto beneficos e vantajosos. Os professores de gymnastica não a viram, porém, com bons olhos e começaram a ter ciumes, julgando-se atacados no seu pundonor cathedratico, preferida a sua sciencia por o que elles chamam ironicamente uma brincadeira. A rivalidade entre as duas classes de professores tem-se accentuado profundamente e rija polemica se está levantando entre os dois campos, mantendo um antagonismo, sob todos os pontos de vista lamentavel. Como sempre, a questão tem tomado um caracter para assim dizer pessoal, discutindo-se mais os interesses particulares que os interesses propriamente ditos da educação nacional, unico alvo que todos os espiritos esclarecidos e que todos os corações bem formados deveriam ter em vista. Objecta-se, com ironia e com acrimonia, que os jogos não precisam d'um corpo profissional que os dirija, por isso que os rapazes são naturalmente inclinados á brincadeira, e que o instincto é o seu principal mestre. A isto se responde que as creanças não teem o criterio sufficiente para escolher os jogos que mais se accommodam á sua edade e organismo e que n'esses exercicios nem sempre guardam as cautelas e conveniencias indispensaveis. O professor evitará os desmandos de palavras e os desmandos de toda a especie, concorrendo assim simultaneamente para o desenvolvimento do corpo e para o apuro da educação.

Ninguem nega os beneficios da gymnastica e é ella apropriadissima para o aperfeiçoamento do systema muscular. A gymnastica, porém, tem o inconveniente de não dar á infancia a expansibilidade, a alegria, a desenvoltura que lhe transmittem os jogos. Um dia passado no campo n'estes exercicios recreativos deixa uma impressão inapagavel: traz-se melhor ar no systema respiratorio e mais contentamento no cerebro. A gymnastica é mais severa e mais monotona nos seus processos: ao passo que os jogos têem um attractivo encantador. Não diremos que uma cousa valha mais que a outra, porque entendemos que ambas são egualmente uteis e indispensaveis, e que se devem, repetimos, completar e auxiliar. Tudo o que tender a aligeirar, a amenisar o ensino, deve ser adoptado com enthusiasmo nas escolas. Em França e nos paizes mais civilisados, além dos jogos ao ar livre, existem outros que se realisam no interior do estabelecimento e que contribuem poderosamente para afeiçoar o caracter ás mais rudes fadigas. E' assim que por meio de cantos se ensina a varrer, a alimpar, a esfregar, e outros trabalhos domesticos, emfim. Conhecemos alguns livros n'este genero e entre nós crêmos que a sr.ª condessa de Penha Longa já intentou introduzir tão valiosa pratica nas escolas do seu asylo da Gandarinha.

Quem canta seu mal espanta, diz o adagio, e é bem melhor inocular na creança a corrente da satisfação do que inclinar-lhe a alma para as doutrinas do scepticismo e do desespero. E não são os contentes os que perturbam a humanidade!

O DUELLO

De tempos a tempos resurge na imprensa esta questão, sobre a qual tem recahido unanime a condemnação dos homens de juizo, mas que se conserva de pé como uma superstição tradicional dos costumes medievaes. Quando o duello não tem consequencias de valor e se limita a uma troca inoffensiva de balas ou a uma leve ferida pelo ferro das espadas, o mundo sorri desdenhoso e acha que tudo foi um acto de pura comedia. Pelo contrario, se o duello tem resultados gravissimos, como acaba de succeder agora em França, levanta-se um clamor geral e poucos são aquelles que deixam de condemnar estes combates singulares, que, no nosso humilde entender, são mais uma prova de vaidade que de coragem individual. Vejam que enorme contradição a do espirito humano! E' o caso de se dizer: *prezo por ter cão, prezo pelo não ter*. Se o individuo, por qualquer motivo, por convicção propria, se esquiva ao duello ou deixa de enviar os seus padrinhos a quem o offendeu, é um cobarde; se acceita ou provoca é um espadachim que quer armar ao effeito; é um leviano que arrisca a sua vida ou arrisca a vida de outrem sem vantagem para ninguem. Se o combate termina com pequeno risco ou sem offensa corporal, o commentario é a galhofa; se a morte d'um dos contendores é o epilogo fatal; então é o *dies irae* contra este preconceito secular. Mas a contradição não para ainda aqui. Os proprios que combatem o duello e o julgam, se não irrisorio, pelo menos inefficaz e contraproducente, são muitas vezes as victimas escolhidas. Assim succedeu agora a mr. Harry Alis, o eminente redactor do *Journal des Debats*, que se viu obrigado a ir ao chamado *campo da honra*, não obstante ter manifestado por diversas vezes a sua opinião contra o duello. E' até onde pode chegar o absurdo e a força invencivel d'um prejuizo social!

A imprensa franceza tem-se occupado afanosamente d'este assumpto e se ha ainda alguem, como Alexandre Dumas, que julga o duello inevitavel, pelo menos emquanto não se modificar a susceptibilidade humana ou não se alterarem os costumes e os sentimentos predominantes, outros ha todavia que lhe são absolutamente adversos. Entre estes ultimos merece especialisar-se Henri Rochefot, que é auctoridade na materia de que póde falar de cadeira, por isso que se tem batido por differentes vezes e sabe manejar o ferro com a mesma facilidade com que maneja a penna. Elle, porém, já se recusou uma vez, e o motivo é porque não queria dar ao seu adversario uma rehabilitação que não merecia e o direito de o fazer calar. Para o illustre redactor do *Intransigeant* o duello na maioria dos casos, não passa de um acto espectaculoso, em que um sujeito procura evidenciar-se, pondo-se em fóco, ou trata por este meio de rehaver a sua repução perdida. E' um jogo, é um calculo em que ha muitas probabilidades de não arriscar a vida e toda a vantagem de recuperar a honra—um simulacro de honra pelo menos.

Ha sem duvida alguns casos, em que a offensa recebida é tão grave, que mal póde deixar de se lavar em sangue. Mas ainda n'estas circumstancias o duello é tudo quanto ha de mais incerto e injusto, porque o offensor muitas vezes é quem sae triumphante do combate, juntando á vilania do insulto o affrontoso da victoria. A maioria dos duellos, porém, baseia-se n'um motivo futil, não na dignidade ferida, mas na vaidade offuscada. São estas differenças pessoaes, sobretudo que a sociedade deveria condemnar obstando por todos os meios a que cheguem ao extremo, e um dos expedientes sensatos e mais facil execução consistiria em os padrinhos não acceitarem facilmente uma missão que lhes repugnasse á sua consciencia. Assim como a pena de morte deixaria de existir á falta de executor, assim o duello ficaria extraordinariamente limitado, se a acção dos padrinhos fosse geralmente mais conciliadora e efficaz. Ainda ha pouco entre nós se deu um facto que vem confirmar a nossa theoria. Um cavalheiro altamente collocado, julgando-se offendido com a apreciação d'um jornalista d'alto cothurno. As testemunhas de parte a parte examinaram serenamente o pleito, n'um intuito cavalheiroso e imparcial, e reconheceram unanimemente que não havia agravo que motivasse um duello. Assim ficou illibida a honra e a susceptibilidade d'aquelles dois cavalheiros, sem que ninguem pode-se pôr em duvida a lealdade do seu proceder e a hombridade do seu caracter, dando-se de mais a mais a circumstancias de ambos terem dado provas publicas evidentes do seu valor pessoal. Se os padrinhos não fossem ás vezes mais susceptiveis e mais pundonorosos que os seus proprios constituintes, quer-nos parecer que muitos duellos se teriam evitado, desvanecendo-se honorosamente os motivos da discordia. Esta parece-nos a linguagem da razão, mas a linguagem do preconceito continuará infelizmente a prevalecer.

ASSUMPTO HISTORICO

A primeira Universidade que houve em Portugal foi fundada em Lisboa por el-rei Diniz. Esteve alli até 1308, anno em que o mesmo soberano a transferiu para Coimbra onde permaneceu até 1338 em que D. Affonso IV a restabeleceu em Lisboa. Passados dezesseis annos, o mesmo rei a tornou a mandar para Coimbra, até que em 1377 se renovou a contradansa de voltar para Lisboa, por ordem de el-rei D. Fernando. Então, a Universidade conservou-se em Lisboa muitos annos. O edificio proprio, porém, arrumava-se pouco a pouco, de modo que foi preciso mudal-a para casas de aluguer, com descontentamento dos professores. O infante D. Henrique, que a esse tempo vivia em Sagres, fez doação do seu palacio de Lisboa á Universidade em 1431, palacio onde esse estabelecimento foi installado desde logo. Alli permaneceu 16 annos, até que D. João III a mandou outra vez para Coimbra, de onde finalmente não tornou a sair.

Por occasião do terramoto de 1755, desmoronou-se o edificio doado pelo infante. Mais tarde aproveitaram-lhe os pedaços de parede que ficaram de pé, construindo-se sobre as ruinas pobrissimas habitações. Da rua das Escolas Geraes podiam vêr-se ainda ha poucos annos, as suas preciosas reliquias: preciosas, não pelo valor artistico que é absolutamente nullo, mas pelo valor historico. Na frontaria do edificio que deita para o chamado pateo dos Quintalinhos, descobriam-se, entre outros pedaços de construcção antiquissima, duas portas dos antigos paços. Uma tinha por cima umas esculpturas bastante gastas pelo tempo, mas que deixavam distinguir no centro uma figura humana. A outra porta, que ficava no interior do edificio, era encimada por uma lapide mais pequena, tendo esculpida uma figura em pé, vestida de roupas talares com uma inscripção por baixo em caracteres gothicos um pouco apagados, representando estarem gravados em uma fita. Ainda havia uma terceira, por cima de outra porta, egual a esta e que tinha tambem uma inscripção. E' de suppôr que representassem a Sapiencia, que era o emblema da Universidade. As pedras esculpidas foram, provavelmente, alli collocadas depois da doação do infante D. Henrique, porque se achavam embebidas na parede e não tinham ilgação com os arcos das portas. Presentemente a reconstrucção feita sobre essas paredes, a substituição da cantaria das portas, a *amodernisação* emfim que essas venerandas ruinas soffreram, modificaram-lhes bastante o aspecto. Profanação condemnavel e que Julio de Castilho verbera energicamente, com bastante justiça, na sua *Lisboa Antiga*.

CARTA DE GOES

17 DE MARÇO DE 1895.

Meus amigos.—Na qualidade de humilde assignante e constante leitor do seu magnifico jornal *O Campeão das Provincias*, tomo a ousadia de communicar-lhe, a fim de que v. se digne noticiar no primeiro n.º do seu jornal, que é extraordinariamente revoltante o que se está passando n'este infeliz concelho, onde campeia desenfreado o mais escandaloso despotismo politico.

Parece incrivel que os altos poderes do Estado se prestem a tantas e tão arbitrarias vinganças pessoaes, e consintam aqui, como auctoridade, um desequilibrado sem prestigio e sem dignidade, o qual foi em tempo esbofeteado na propria administração por um digno escrivão de fazenda, e recentemente á porta da propria residencia e em pleno dia!

Nunca em Goes desceu tão baixo a auctoridade, porque nunca aqui a houve tão indignissima. Não sabendo e não podendo, pela sua indignidade de caracter conquistar os respeitos devidos á sua immerecida posição actual, não céssa de promover transferencias, demissões e todas as perseguições imaginaveis contra todos os cavalheiros e empregados publicos que lhe não acceitam submissos as mais absurdas imposições. Tem sido um nunca acabar de perseguições politicas, e para amostra vou apontar os seguintes factos:

Transferencia para Oleiros do escrivão Ferreira Junior; transferencia para a Certã do escripturario Eduardo Barata; demissão forçada do secretario da administração Abel Soares de Campos Vieira; transferencia para Mira do escrivão de fazenda Antonio da Cunha Gouveia; demissão do distribuidor rural Luiz Barata; transferencia illegalissima do director do correio e telegrapho Silva Poiares para o Sabugal; transferencia para Mira do fiscal Antonio Maria Torres; transferencia para Pampilhosa da Serra do fiscal Antonio de Figueiredo; exoneração do distribuidor rural Manuel Nogueira de Figueiredo; demissão do depositario Antonio Nunes; suspensão do distribuidor rural Antonio Marques d'Almeida; supressão de conducção de malas em carruagem entre Goes e Coimbra, etc., etc.

A' vista do que fica exposto, dignese v. apreciar devidamente o estado politico d'este concelho e a guerra de que teem sido victimas os infelizes funccionarios progressistas!

Está aqui um empregado telegrapho-postal que, tendo praticado gravissimas irregularidades e abusos, de que já foi accusado no seu excellente jornal, sem que até hoje apresentasse a mais simples defeza, ainda agora, com grave offensa do publico, desampara todos os dias a sua repartição, entregando-a, durante as horas legaes, a pessoas incompetentes, para, sem auctorisação legal, ir trabalhar nos Paços do Concelho em serviço de matrizes prediaes! Este empregado é o mesmo que não céssa de ameaçar os seus subordinados, fazendo-lhe até prohibição de relações pessoaes com alguns cavalheiros dignissimos. Tambem se emprega frequentemente no seu serviço particular e no dos seus amigos, tudo isto com grave prejuizo do publico e do serviço da repartição que muitas vezes se encontra deserta! Por muitas vezes tem empregado o guarda-fios a rachar lenha em plena praça, e a semear batatas em fazendas dos adeptos. Muito bom será pedir promptas providencias ao digno chefe telegrapho-postal do districto.

Digne-se v. desculpar a minha ousadia, e creia-me com toda a consideração De v. etc.

Joaquim Paulo da Silva Poiares.

COMMUNICADOS

Ill.mo e ex.mo sr. João Manuel Esteves Junqueira.—Meu presado amigo.—Foi tal a satisfação que senti, no intimo da minha alma, ao cumprir o sacratissimo dever de me penitenciar aos olhos de v. ex.ª, que me alento a proseguir no caminho encetado, abrindo as valvulas á minha gratidão, para que, em toda a parte, inclusivé na Capadocia, o nome de v. ex.ª, meu senhor, seja dito ás gentes com o respeito que merecem o seu talento, a sua bondade, as suas virtudes civicas. E porque na minha terra, onde pollulam *selvagens*, se não aprecia, devidamente, o superior espirito de v. ex.ª, seja eu, em nome da estreitissima amizade que nos une ha tantos annos, que tome a meus hombros a grata tarefa de mostrar, aos *estupidos* censores de v. ex.ª, o quanto são injustos nas suas malevolas arguições.

Diz-se por ahi, meu senhor, que v. ex.ª é quasi analphabeto, incapaz de redigir um officio, ignorando, inteiramente, os mais rudimentares principios de direito administrativo, levando a audacia a ponto de affirmarem, que existem, em poder de cavalheiros, algumas cartas escriptas por v. ex.ª, em que os erros se contam pelo numero de palavras! Mas isto é um repellente absurdo!

Eu, meu senhor, que tive a incomparavel dita de presenciar os successivos triumphos, obtidos por v. ex.ª em Coimbra, durante a sua formatura; que lhe ouvi muitos discursos, verdadeiros monumentos de eloquencia tribunicia; que li, em muitos e conceituados jornaes, pujantes artigos litterarios-scientificos, finissimas joias que, no *prégo*, davam muito dinheiro, não devo consentir que taes aleivosias corram mundo, sem que um protesto, cahido dos bicos da minha penna, com a vehemencia que assiste á justiça da santa causa que defendo, venha affirmar, sem tergiversações, a minha alta consideração por v. ex.ª, e o desprezo, com laivos de odio, que tributo a esses *insignificantes*, que tentam deslustral-o.

E, como se fosse pouco as mentiras que referi, ha ainda quem se atreva a dizer que v. ex.ª é cobarde (!) trazendo sempre, como guarda-costas, os dois esbirros, armados de temiveis *marmeleiros*, para prender um tal Albergaria, que, segundo consta, é um alma damnada com fumaças de valentão!

Outra infamia, meu senhor, que os inimigos de v. ex.ª querem assacar-lhe. Muitas vezes tenho encontrado v. ex.ª, na sua gloriosa missão de mantenedor da ordem publica, sem que beleguins o acompanhem. E mesmo, para catrafilar o Albergaria, esse limphatico que por ahi vagueia, acaso seria preciso uma legião d'heroes? Pois não bastaria um só dos terriveis olhares de v. ex.ª, para aniquilar as farófias do tal *figurão* que ousa importunal-o?

Esta gente, meu senhor, é muito ignorante! Se soubessem os valentes feitos, praticados por v. ex.ª, nas campanhas eleitoraes de Cintra, não poriam em duvida, a jámais desmentida coragem de v. ex.ª, que a historia ha-de registrar com orgulho.

Diz-se mais, que v. ex.ª mandára, hontem, chamar á administração do concelho dois rapazes, filhos de familias distinctas d'esta villa, para os reprehender—oh! horroroso crime!—por se atreverem a cantar, em noite luarenta e serena, umas trôvas populares.

Isto é irrisorio. Pois v. ex.ª, assoberbado com multiplices serviços, teria paciencia para se occupar com pequenas coisas?

Deixe, meu senhor, ladrar os cães á lua: continue sempre, intemerato, a cumprir sabiamente os deveres de seu cargo, e mande á fáva o Albergaria.

Como esta carta vae longa, e eu não desejo demorar, muito tempo, a obsequiosa attenção de v. ex.ª, deixarei, para outra vez, o desfolhar, por sobre as preclaras virtudes da sua alma, o ramo da minha admiração, se até lá não o vir... murchar.

Mais uma vez, meu senhor, ouso apresentar-lhe os meus respeitos,

De v. ex.ª
amigo incondicional
Estarreja 17—3.º—95.
Antonio Augusto Soares.

PELO ESTRANGEIRO

O cruzador «Reina Regente».—Os jornaes hespanhoes inserem grande numero de despachos ácerca da presumida catastrophe occorrida ao cruzador da marinha de guerra *Reina Regente*, e cuja primeira noticia da grande desgraça que se suspeita, foi publicada.

Apesar das noticias pessimistas sobre a sorte do cruzador, alguns jornaes albergam ainda a esperança de que o navio esteja impossibilitado de navegar por causa de avaria. Comtudo as esperanças que nutrem são muito pequenas, porque o *Reina Regente*, tendo sahido no dia 10 de Tanger, devia fazer o trajecto d'alli a Cadiz em oito horas, quando muito.

Em Cadiz recebeu-se um telegramma dizendo que o cruzador chegára ás Canarias. O telegramma procedia de Madrid, e era dirigido por uma senhora á esposa do segundo commandante do *Reina Regente*. Ao saber-se a noticia, que circulou rapidamente, o bispo de Cadiz ordenou um repique geral de sinos, illuminando algumas casas particulares. Como não viesse confirmação ao telegramma, suspenderam-se os festejos. O governo hespanhol enviou alguns navios que andam percorrendo as costas hespanholas, o estreito e as costas africanas. A bordo do cruzador, na camara, havia uma bandeira de seda que fôra dada pela rainha quando o visitára em Barcelona.

De Barcelona transmittem que o capitão do vapor inglez *May Field*, declarára ter encontrado o *Reina Regente* entre os cabos Tarifa e Espartel acossado por furioso temporal. Tinha a chaminé, a ponte e as obras mortas destroçadas. Como não lhe pedissem soccorro, o capitão do *May Field* seguiu o seu rumo.

O comboyo da rainha Victoria—A proposito da viagem da rainha Victoria a Niza, onde devia ter chegado no sabbado, dá a *Westminster Gazette* alguns pormenores ácerca do comboyo especial em que a rainha de Inglaterra costuma viajar no estrangeiro. Este comboyo que é propriedade da rainha e que ordinariamente se guarda na estação do Norte de Bruxellas, compõe-se de duas grandes carruagens salões, ligadas por uma passagem aberta. A carruagem-salão de dia comprehende uma sala de jantar com bibliotheca, tendo um ventilador no tecto, tapetes da India alcatifando o pavimento, pequenas mezas, sofás, e poltronas, ficando a da rainha em face á locomotiva. Todos os moveis são forrados de seda azul com franja amarella. Quanto á carruagem-salão de noute, é dividida em varios compartimentos: uma camara com dous leitos, para a rainha e a princeza Beatriz, e guarnecida de moveis provenientes do castello de Windsor; um gabinete de *toilette* e banho, de estylo japonez; e uma camara para as bagagens, onde estão dous canapés leitos para as criadas. Quando a rainha janta, o comboyo pára em alguma estação, e do mesmo modo quando a soberana se veste. Durante a noute, o andamento da locomotiva nunca excede de 40 kilometros.

Victor Hugo; inhumação definitiva.—Ultimamente realisou-se em Pariz, no Pantheon, a inhumação definitiva dos restos de Victor Hugo, no sarcophago para tal fim construido e que se concluiu ha pouco tempo. Este sarcophago fica perto do que encerra o corpo de Carnot. A esta inhumação assistiu a familia de Victor Hugo, representada por Joanna Hugo, Leopoldo Hugo, Jorge Hugo, Lockroy, Trébuchet e Paulo Meurice. No sarcophago apenas foi esculpida esta simples inscripção: «Victor Hugo, 1802 1885.»

O duello e a sepultura ecclesiastica.—O cardeal arcebispo de Paris recusou sepultura ecclesiastica ao cadaver do jornalista Harry Alis, morto ha dias em duello pelo sr. Le Chatelier. Procedendo assim o cardeal Richard, obedeceu ás leis canonicas contra os duellistas. Essas leis, formuladas primeiro pelo concilio de Valença em 855, figuraram depois entre os decretos do concilio de Trento. Depois de ter approvado penalidades temporaes contra todos os que favorecem combates singulares, a celebre assembleia resolveu o seguinte:

«Aquelles que se baterem e os seus padrinhos incorrerão na excommunhão, serão punidos como homicidas e os seus bens serão confiscados. Se morrerem no combate não lhes será dada sepultura ecclesiastica.»

Se *morrem no combate*, diz o decreto. Mas se decorrer algum tempo entre o combate e a morte do ferido, deve-se concluir d'aqui que elle poderá receber sepultura religiosa. Sobre este ponto, muitos jornaes francezes teem se pronunciado cathegoricamente pela negativa, allegando que a legislação da Egreja, em materia de duellos é inflexivel e não se presta a transigencias de especie alguma. Todo aquelle que fôr morto em duello não poderá ser enterrado religiosamente, mesmo se, antes de morrer, tiver recebido a absolvição de um padre.

Rigorosamente, e em principio, esta é a doutrina catholica, tal como ella nos apparece em diversos documentos, entre outros, a constituição *Detestabilem;* mas na pratica admitte-se uma interpretação mais larga e mais indulgente. Eis a este respeito, a opinião de um theologo auctorisado, o cardeal Gousset:

«Todavia se o duellista, sentindo-se ferido, por um golpe mortal reclamar um padre ou os soccorros da religião, parece-me que se póde attenuar um pouco o rigor dos canones e conceder a sepultura ecclesiastica. A recusa, posto que canonica, não se comprehende no caso que acima apontei. Se o duellista morre em sua casa ou emquanto o transportam para ella, isso então não admitte duvidas. Basta que tenha mostrado arrependimento para poder ser enterrado com a cerimonia da egreja.»

Esta opinião do cardeal Gousset na sua *Theologia moral*, é a traducção do acima *In dubio odiosa suent restringenda*. O cura de Saint-Jacques du Haut-Pas, que se recusou a dar sepultura religiosa ao corpo de Alis, entrevistado por um redactor do *Temps* disse-lhe o seguinte:

«—Eu bem queria conceder-lh'a, mas para isso, era ao menos absolutamente necessario que, á falta da reconciliação sanccionada pelas palavras sacramentaes, houvesse uma prova de que o ferido tinha manifestado o seu arrependimento por transgredir as leis ecclesiasticas. Ora, infelizmente é mais que certo que o seu infortunado collega expirou no proprio combate, sem ter tido tempo para exprimir nenhuma intenção, nenhum desejo, nenhum pensamento. N'estas condições eu não podia deixar de fazer o que fiz e o cardeal Richard não podia auctorisar honras religiosas. Nós não somos juizes do que se passa entre Deus e o moribundo, e alimentamos sempre a esperança de que este morre arrependido e perdoado. E' o dominio do fôro intimo que não podemos conhecer. Todavia devemos applicar as leis da egreja no que diz respeito ao fôro externo. Por isso o cardeal arcebispo de Paris não podia tomar uma decisão differente d'aquella que tomou.»

Um portuguez e uma japoneza.—Não deixa de ser curioso o seguinte facto contado por um viajante americano e que um jornal da California reproduz do seguinte modo:

«Até ha pouco tempo, se uma rapariga japoneza casava com um estrangeiro, era immediatamente decapitada. Um cavalheiro portuguez com quem tivemos relações em Yokohama, contou o que lhe succedeu a esse respeito. Foi para alli ha 30 annos e namorou-se de uma joven japoneza, que lhe correspondeu. Os paes d'ella deram-lhe conhecimento do que lhe aconteceria se casasse com elle. Elle era joven ardente, ella altamente romantica.

— Se morreres por consentires em casar commigo, eu morrerei comtigo, disse elle.

— Então havemos de casar-nos, morra ou viva, respondeu a joven.

Elle era catholico e tinha promettida a seus paes não casar fóra da sua religião.

— Quererás ser catholica? perguntou elle.

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

DECIMA PARTE

O BARÃO DA SOLEDADE

VI

DESENGANOS DO PODER

— Os indigens que ha pouco te proclamavam chefe, desejam agora submetter-se á nossa obediencia; não porque nos temam, mas porque esperam mais do nosso governo do que do teu. Podiamos vingar agora a morte dos meus valentes marinheiros; mas em vez de praticarmos d'este modo, vamos restituir-te o mando da tua tribu!

«Taiwaroa fitou o barão com desconfiança.

— Sou o barão da Soledade, filho da America, tenho percorrido todas as costas do norte, sou rico, e tenho assistido a todas as guerras que agitaram a Europa durante o primeiro terço do seculo. Queria conhecer as ilhas da nova Zelandia, e para aqui nos arrojou uma tempestade. Acreditava na vossa lhaneza e admirava o respeito que nos tributaveis; mas conheço agora o meu erro. Com o fim de recompensar a franca hospitalidade que os ilheos me offerecessem, e sem me guiar o mais leve designio de mando ou de conquista, porque só queria estudar os seus costumes, trazia ricos presentes no meu bergantim; mas os teus, no momento de se assenhorearem d'elle por meio da traição e da força, tomaram o murrão das nossas baterias ainda inflammado e sem quererem largaram fogo ao navio. Agora poderiamos collocar a tua cabeça ao lado da de Pierrot, vilmente assassinado por ti, mas isso não bastaria para regressarmos á nossa patria. Apesar de tudo não queremos acceitar o mando que a tua tribu e de Vampu-moare nos offerece, e estamos resolvidos a perdoar-te.

«O selvagem estremeceu.

— Perdoar-me! exclamou. Isso é impossivel, porque eu derramei o sangue dos teus companheiros; mas os meus hão de vingar a minha morte.

«E brilhou-lhe nos olhos um raio de colera.

— Nada fará a tua gente, porque bem sabe que de nós depende a sua existencia. Terás o desprezo e a indifferença por castigo; de hoje em diante não volverás á rocha de Kaiku, sob pena de seres arrojado á caverna das serpentes; não poderás pisar a parte occidental da bahia, porque se alli appareceres, serás lançado ao mar; não entrarás no bosque dos fetos nem buscarás a gruta do Kouri; não poderás abrigar-te em choça alguma, e se a tua gente te desprezar, trabalharás por nossa conta desde manhã até á noite; não poderás trazer comtigo armas para tua defesa nem entrar em casa dos paes de familia; não fallarás com pessoa alguma nem poderás dirigir-te ás mulheres da ilha; só comerás raizes das arvores, não pescarás nos rios, nem caçarás n'estes bosques; não...

«Taiwaroa soltou uma estridula gargalhada. O barão disse-me em voz baixa:

—E' necessario que Vanacoa monte a cavallo e offereça grandes recompensas a todos os que, tendo pertencido até agora á tribu Taiwaroa, acatem os ritos e os costumes da tribu de Venigakan.

«Sahi, e um quarto de hora depois voltei para dizer ao barão que todos, absolutamente todos os subditos da tribu de Taiwaroa, acceitavam a proposta. O barão apertou-me a mão.

«Pouco depois Taiwaroa sahiu da gruta, e avistando os seus ao pé da collina, começou a dar gritos de alegria e ausentou-se jurando vingança. Nunca homem algum recebeu maior desengano. O terrivel chefe exhortou a sua tribu, tentou impor-se pela força, mas todos fugiam d'elle e corriam a unir-se aos da tribu Venigakan. Por fim vimol-o afastar-se, desesperado, meditabundo, subir pausadamente a collina e deixar-se cahir junto de uma arvore corpulenta, com a fronte entre as mãos e o gesto abatido e doloroso. D'esta sorte terminou o poder de Taiwaroa e augmentou a tribu de sua filha. Vanacoa foi desde então a soberana da ilha. O barão e eu passavamos a vida amparando os debeis, soccorrendo os enfermos, protegendo os necessitados, introduzindo reformas, destruindo o phanatismo dos ilheos, ensinando-lhes as verdadeiras praticas christãs, estimulando-os ao trabalho, e d'este modo em menos de um anno chegámos a mudar completamente a phase d'aquelle paiz, não sei se ditoso ou desgraçado. Taiwaroa tinha desapparecido da ilha. Começava a devorar-nos a nostalgia. O barão estava extenuado, consumido. Fôra bastante aquelle curto periodo para se lhe tornar a barba completamente branca.

«Que teria succedido á minha querida esposa e ao meu pobre filho? Aquelle Céo tão alegre á nossa chegada, começava a parecer-me triste e sombrio. Via morrer as minhas esperanças, via morrer o barão, e Vanacoa emmurchecia qual flôr partida pelo vento. Os seus grandes olhos, sempre fixos nos meus, parecia buscarem no fundo da minha alma allivio para a sua. Eu amava-a, amo-a, amal-a-hei toda a minha vida, porque ella me foi consolação no infortunio; mas severo commigo mesmo, já mais por ella quebrantei os meus deveres. Sentia-lhe palpitar o coração, tremerem-lhe as mãos entre as minhas, mas não podia dar lenitivo ao amor que a abrazava.

— Não me amas! dizia-me ella muitas vezes.

«E as lagrimas caiam-lhe pelas faces como perolas a resvalarem sobre o mármore. Todas as tardes passeavamos o barão e eu pela praia. Nem um só navio chegava áquellas costas. Durante aquelle tempo não me descuidara da construcção de um barco que podesse cruzar os mares da Australia; mas cada dia encontravamos um novo obstaculo que se oppunha á realisação do meu projecto. Por fim tive de resignar-me a abandonar o trabalho começado. O barão mostrava-se cada vez mais taciturno: matava-o a nostalgia. D'esta maneira decorreram alguns annos. Um dia vimos destacar-se no horisonte um ponto branco. Corremos á praia, e o ponto, cada vez mais visivel, foi adquirindo proporções até tomar a forma de uma vela. Sem perdel-o de vista um só instante, o barão apertava-me as mãos, dizendo-me:

— Será um navio?...

«Não ousei responder-lhe até o poder fazer com inteira segurança. E fiz bem, porque o ponto branco que apparecera na superficie do mar, perdeu-se no horisonte. Desde então começou o barão a decair, a debilitar-se, a fenecer, e de tal modo que muitos dias não podia erguer-se do leito. Torturado por tristes lembranças e desejoso de tornar-me superior ao infortunio, entreguei-me ao exercicio da caça. Vanacoa acompanhava-me muitas vezes, mas sempre triste e pensativa. Eu vi a morte como a unica e possivel consolação em meio da minha soledade e abandono. Uma noite estava descansando dentro da gruta do Kouri, que era a minha residencia habitual, quando me despertaram os sonoros eccos de um clarim, tocado sem duvida por algum dos indigenas que velavam o somno da soberana de Venigakan. Saltei rapidamente do meu leito, formado de folhas de kailatoa, peguei na carabina e nas pistolas, e vendo Vanacoa que corria ao meu encontro, disse-lhe:

—Partamos a conjurar a rebellião!

«Sahimos da gruta, e conhecemos ter havido receio infundado da nossa parte. Disse-nos um dos indigenas que entrara na bahia um navio estrangeiro e que os seus tripulantes desejavam fallar ao chefe da ilha. Cuidei morrer de alegria. Louco de prazer, mandei apparelhar os nossos cavallos, montámos, e seguidos de alguns indigenas, atravessámos com a velocidade do raio os atalhos do bosque em direcção á praia. Quando cheguei alli pedi a Vanacoa que me seguisse, e saltando para uma das canoas varadas na areia, ordenei a dez selvagens que remassem vigorosamente em direcção do navio.

A' claridade da lua pude examinar a embarcação, e não só a altura dos mastros como a pequenez das vergas me deram a conhecer que tinha de entender-me com um corsario francez. Chamei, e quando a canoa atracou a estibordo, subi a bordo e perguntei pelo capitão. Bem singular devia ser a minha figura, porque o francez não poude deixar de sorrir-se com certa ironia.

— Capitão, disse-lhe eu, não sou natural d'esta ilha, mas alguns annos ha que arribei aqui a bordo de um bergantim pertencente ao senhor barão da Soledade, sendo o nosso navio incendiado pelos indigenas. Desde então habito entre esta pobre gente, esperando todos os dias que uma embarcação qualquer tocasse n'este ponto e quizesse conduzir-me ao meu paiz. Fui capitão da marinha mercante hespanhola, e ha muitos annos choro a perda da minha familia e não recebo noticias da minha patria.

«Depois contei-lhe circumstanciadamente a minha vida. Pareceu enternecer-se, e eu affligi-me muito quando soube que o ultimo navio governado por mim tinha naufragado com a tripulação e carregamento antes de chegar ao porto.»

— Como isto é extraordinario! exclamou Mendoza interrompendo a leitura das *Memorias*.

— Não lhe parece, meu amigo, perguntou André, que o barão da Soledade e Anselmo Iradier são o mesmo homem?

— Sei apenas que entre a vida de um e a de outro ha assombrosas coincidencias.

— Quanto serão felizes Magdalena e Paulo, se depois de tantos annos chegam a encontrar aquelle que choraram perdido para sempre!

— Inclino-me mais a crer, meu querido André, que o actual barão da Soledade será, não Anselmo Iradier, mas um amigo generoso que queira tomar vingança das infamias commettidas por John Strey.

— Mas sendo assim...

O doutor interrompeu André antes d'elle concluir a sua objecção, e fitando de novo o olhar no caderno, continuou em voz alta a leitura das *Memorias*.

— Hei-de ser o que quizeres, disse ella, morreremos juntos.

Sahiram immediatamente e foram procurar o padre mais proximo, que lhes fez ver a fatalidade que pesava sobre um tal casamento, mas sem resultado nenhum.

— Ella não póde ser baptisada, confirmada e casada no mesmo dia— disse o padre.

— Tem de ser—disse o noivo.

— Devo ser—disse ella—porque ámanhã pela manhã havemos ambos de morrer. O bom sacerdote passou immediatamente a administrar os tres sacramentos, e depois foi interceder a favor da vida da noiva. O mikado decidiu que não podia decapitar o portuguez, mas que a joven tinha a morrer. O padre observou: «Ella é agora portugueza tambem, e seria melhor que V. M. fizesse sustar a execução até depois de poder conferenciar com o governo portuguez.» Foi isso concedido. O padre persuadiu. O noivo pleiteou. O governo portuguez interveio. Após uma correspondencia, que durou cinco annos, e na qual os consules francez, inglez, americano e das outras nações tomaram parte, á joven esposa foi concedida a vida. O sr. Rosa, o feliz marido, é hoje um rico negociante com uma numerosa familia. Foi o primeiro europeu que conseguiu casar com uma joponeza.

A rainha de Inglaterra em França.—A rainha de Inglaterra chegou na quarta-feira ultima a Cherburgo, indo a bordo do seu *yacht Victoria and Albert*, que era escoltado pelos *yachts Iréne* e *Osborne* cruzador *Australia* e cruzador *Barfleur*. Era grande a multidão que se comprimia nos caes de Cherburgo para vêr passar o *yacht* da rainha Victoria. A' entrada do Arsenal, logo que o *yacht* real amarrou ao caes Sané, a musica do 1.º regimento de infanteria tocou o hymno nacional inglez *God save the queen*. O prefeito maritimo e o consul inglez foram a bordo cumprimentar a rainha. No dia seguinte, a rainha Victoria, depois de ter recebido as principaes authoridades militares e civis de Cherburgo,desembarcou atravessando um pontilhão ornamentado de bandeiras inglezas e francezas, flôres e arbustos, tomou lugar no comboyo real, sendo-lhe n'essa occasião offerecidos magnificos ramos de flôres. As honras militares eram prestadas á soberana de Inglaterra por uma companhia de tropa de linha, com musica á frente. Depois de varias saudações, o comboyo partiu para o seu destino.

Presente valioso. — Diz uma folha franceza que Kruger, o presidente da republica do Transvaal, fizera a Leão XIII um presente verdadeiramente régio. O presente consiste em um brilhante de 961 quilates, que foi encontrado nas minas de Jorgersfonteins e que parece ser um dos maiores que se conhecem. E' além d'isso de um bilho imaculado, e não tem mais defeito que uma pequena mancha que mal se divisa. Calcula-se que esta pedra preciosa vale réis 900:000$000. Diz-se que Sua Santidade tenciona mandar collocar o brilhante em uma das corôas da thiara.

Ainda o casamento de uma millionaria.—Referimos já o casamento de miss Anna Gould com o conde de Castellane,particularisando as principaes occorrencias de tão sumptuosa ceremonia. Os jornaes estrangeiros continuam a dar interessantes pormenores sobre os noivos. Segundo um correspondente,miss Anna Gould, actual condessa de Castellane, é uma joven modesta, instruida, affavel, de physionomia sympathica, distinguindo-se pelo seu constante desejo de fazer bem. Não contente em derramar a mãos cheias o ouro por entre os necessitados, ensinava as creanças pobres, a lêr e escrever, e não abandonou esta caritativa missão senão quando o pai falleceu, e teve que tomar conta do governo interno da casa. Esta e outras preciosas qualidades fizeram com que o conde de Castellane fixasse a attenção na filha do archimillionario americano, apaixonando se perdidamente por ella em Pariz. As suas propostas foram ao principio rejeitadas, mas o conde não desanimou e seguindo miss Anna até New-York, soube alli, dando provas de um amor sincero e de um desinteresse quasi inverosimil n'estes tempos, grangear o affecto da que hoje é sua esposa. No dia do seu casamento a actual condessa de Castellane, impulsionada pelos seus sentimentos caridosos, offereceu um almoço de 10:000 talheres aos pobres de New-York e enviou por um vale telegraphico para Pariz 20:000 fr. (3:600$000) para serem distribuidos pelas pessoas mais necessitadas da aldeia de Gros-Caillou, a que pertence á familia Castellane. Os noivos devem embarcar por estes dias em New-York para Londres e depois de uma pequena demora no Inglaterra, partirão para Pariz e sul da França, onde passarão algum tempo.

O tyranno da moda. —Com 70 annos de idade acaba de fallecer em Pariz uma das notabilidades d'aquella cidade, o célebre alfaiate-modista Vorth. As damas da primeira sociedade de todos os paizes eram na maior parte clientes do rei da moda. Vorth era inglez. No seu paiz exercera o officio de alfaiate, indo para Pariz como empregado de uma casa de commercio no começo do segundo imperio. Em 1860 casou com uma modista e abriu o estabelecimento de modas que ainda existe na rua da Paix. Bem depressa adivinhou Vorth todo o partido que podia tirar dos seus conhecimentos em alfaiataria,dedicando-se a vestir as damas. Começou por provocar uma revolução no traje feminino, supprimindo o merinaque e inaugurando o gôsto classico. Adoptou os estylos historicos, acomodando-os á physionomia e porte das damas. A' força de empenhos, Vorth conseguira ser apresentado á imperatriz Eugenia e que esta soberana lhe encommendasse um vestido. Vorth desempenhou com tal acerto a encommenda, que a imperatriz ficou satisfeitissima. No dia seguinte começou a fortuna do célebre *couturier*, fazendo *toilettes* para damas illustres como as princezas de Metternicch e de Sagan, marqueza de Gallifet e condessas de Pourtalis e Castiglione; depois para todo o Pariz elegante. Todas as damas lhe pediam que lhes fizesse trajes como os da imperatriz; por ultimo não houve soberana no mundo que não lhe encommendasse as mais custosas *toilettes*. O célebre *couturier* acabou por entrar nas Tulherias como os ministros e embaixadores. Em questão de moda não admittia que lhe discuttissem as ideias, nem mesmo á imperatriz Eugenia. Quando se apresentasse no seu estabelecimento alguma cliente era elle quem escolhia as fazendas, guarnições o córte, etc. Por occasião da guerra de 1870, apesar de ser estrangeiro não sahiu de Pariz, e quando os allemães pozeram cêrco á cidade, estabeleceu uma ambulancia onde á sua custa fazia tratar 25 feridos ou doentes. Restabelecida a paz, Vorth voltou aos seus negocios, mas sem o socio com quem se estabelecera, um sueco, que se retirou rico para o seu paiz. Vorth augmentou a casa, cujos negocios tomaram desde então grande incremento. Para poder ficar na rua de Paix, teve que mudar para officinas separadas uma parte das 800 costureiras que occupava. Mantendo sempre a supremacia, apesar do estabelecimento de outras casas rivaes, Vorth continuou a ser o trabalhador infantigavel de outros tempos, coadjuvado pelos filhos que empregara na boa administração da casa.

Vorth era muito esmoler. Riquissimo, nunca se cansava de ser caritativo, mas sem alardes nem reclamos. Costumava passar o verão em Suresne, n'um palacio de architectura especial, cujas columnas tinham pertencido ao palacio de Saint-Cloud, destruido pelos allemães.

O temporal no Estreito. — Os jornaes hespanhoes trazem longos pormenores sobre o temporal que nos dias 10 e 11 do corrente, se desencadeou ao sul da peninsula, tomando proporções violentissimas especialmente no Estreito de Gibraltar. Em Tanger o vento era cyclonico, e a tormenta foi de tal modo furiosa que as pessoas de mais idade não se lembram de outra igual. Ficaram muitos barcos destruidos; as ondas galgavam pela terra dentro, não havendo nada que lhes resistisse. Em Algeciras tambem foi terrivel o temporal. Depois de chover torrencialmente, desencadeou-se uma borrasca tão medonha que tornava impossivel o transito pelas ruas. O tufão fez cahir telhas, arvores e beiraes. Muitas embarcações pequenas foram levadas pelo mar. Em Cadiz entrou o vapor inglez *Roselyn* com as obras mortas e os escaleres completamente destroçados. O capitão do vapor declarou que encontrou alguns barcos de pesca abandonados, por terem talvez perecido os que os tripulavam. Pelas praias teem apparecido varios cadaveres. Os jornaes hespanhoes ainda não se referem á perda do cruzador *Reina Regente*, como foi annunciado no nosso *Serviço da Ultima Hora*, perda dolorosa para a marinha do reino visinho.

A diphteria. — Apenas o dr. Roux, já considerado um bemfeitor da humanidade, descobriu e applicou a serumtheraphia, e já um medico allemão, o dr. Loeffler, querendo ser util e combater tambem essa terrivel molestia, o terror das mães, o croup, acaba de descobrir um remedio soberano. O dr. Loeffler não é um desconhecido, pois foi elle quem descobriu o bacillo da diphteria. A medicação por elle aconselhada differe essencialmente da do dr. Roux: consiste em pincelar a garganta do doente de quatro em quatro horas com um preparado composto de 60 partes de alcool, 36 de tubuol, 4 de perchlorureto de ferro liquido, ajuntando-se um pouco de menthol. Foi depois de numerosas curas obtidas pelo seu processo que o dr. Loeffler se decidiu a tornal-o conhecido. Diz esse medico que durante uma epidemia de croup conseguiu salvar todos os doentes que lhe foram confiados, isto é, 71, incluindo n'esse numero uma sua netinha que fôra atacada do mal. Assim nos consideramos obrigados a fazer conhecer aos nossos leitores o novo methodo therapeutico.

As mulheres que toureiam.—Apresentou-se no domingo ao publico de Barcelona uma quadrilha de *senoritas toreras*, discipulas de Mariano Armengol, *Verduguillo*, um dos mais reputados criticos taurinos da Hespanha. O caso foi tão sensacional, que os revendedores adquiriram logo ao primeiro annuncio da tourada quatro mil bilhetes para negocio. O *Heraldo de Madrid* publicou os retratos das sete toureiras—duas matadoras, uma *sobresaliente*, e quatro bandarilheiras, com alguns dados biographicos e informes sobre as suas aptidões taurinas. O mesmo jornal tem no seu *salão* expostos os retratos das lidadoras. Estas chamam-se: Dolores Carmen Pretel, *Lolita*, 16 annos, educação esmereda. Toureia notavelmente de muleta, bem cingida, e estende perfeitamente o braço ao entrar a matar. Com as bandarilhas alegra e quadra-se magistralmente, e maneja bem o capote, andando agora a ensaiar o *quiebro de rodillas*. A segunda *espada*, Providencia Fornalez, 17 annos, é forte, robustissima dura—a antitese de *Lolita*, que é toda toureio fino e de adorno. Mata com arrojo, collocando-se em curto e deixando-se cahir sobre a espada com verdadeira temeridade. Adelaide Angel Pagés, 17 annos, *sobresaliente* e primeira bandarilheira, é a melhor da quadrilha no correr os toiros, quer á ponta de capote, quer floreando-o, ao estilo de *Guerrita*, e possue o magistral saber de arrancar das taboas os mais querenciosos. Em bandarilhas, logo no segundo ensaio cravou um par a sesgo, magnifico, esperando e aguentando guapamente á arremettida. As bandarilheiras chamam-se Encarnacion e Justa Simó, 17 e 18 annos, Julia Carrasco, 17, foi quem teve a lembrança de quadrilha, e Joseta Manubens, da mesma edade. Os trajos de combate foram feitos no affamado alfaiate madrileno, Trevijano; os toiros pertencem á *ganadaria* de D. Gregorio Martinez, de Tudela de Navarra, e *Verduguillo*, o mestre das novas toireiras, e experimentadissimo n'esta especie de ensino, e ainda ha pouco acabou de aperfeiçoar na lide de rezes bravas a quadrilha de *Ninos Barcelonezes*. As *senoritas toreras* começaram a sua aprendizagem pratica em principios de novembro do anno passado.

Brancos e negros.— Encontrámos nos jornaes estrangeiros varios pormenores á cerca de conflicto sangrento occorrido entre brancos e negros nas docas de New-Orléans. O conflicto deu-se no dia 12. Fazia nevoeiro. Muitos, cerca de 250, armados de carabinas Winchester e de outras armas, agruparam-se no dique com a firme tenção de impedir que os carregadores negros trabalhassem. Os negros foram atacados por dous lados e repellidos do dique; mas o conflicto mais grave foi o que occorreu no caes de desembarque de uma Companhia de vapores. Alli foram feridos a tiro de carabina 4 negros. Os outros fugiram aterrados, chegando alguns a saltar á agua, perseguidos por uma saraivada de balas disparadas das portas, janellas e esquinas das ruas. Os aggressores que não tinham armas, atiravam pedras ou espancavam os pobros negros. A policia nada póde fazer, mostrando-se impotente para suffocar o conflicto, e o combate só terminou quando os negros desappareceram completamente. Ficaram 4 negros mortos, 8 feridos e 2 afogaram-se. Depois do combate, os aggressores foram occultar as armas nas cabanas da visinhança.

O anniversario de Bismarck na America. —Dizem de Philadelphia que os allemães, residentes em varias cidades dos Estados-Unidos, se preparam para celebrar o 80.º anniversario do principe de Bismarck, estando já organisada para aquelle dia uma grande festa musical, que se realisará em Philadelphia e na qual tomarão parte todas as Sociedades musicaes allemãs. Depois da festa haverá um banquete, em que se pronunciarão discursos allusivos ao principe. Em New-York, Cincinati, S. Luiz e outras cidades dos Estados-Unidos haverá igualmente festivaes. Os allemães de New-York vão enviar ao principe uma tassa de prata macissa.

Um caso de cirurgia. —O dr. Follet, de Lille, communicou á Academia de Medicina, de Paris, a observação d'um caso de gravidez extra-uterina do mais alto interesse. Esta gravidez era gemea. Um dos fetos morrêra aos tres mezes, mas o outro era de tempo, facto extremamente raro (não se conhece senão seis ou sete observações). Durante o espaço de 15 annos a mãe não soffreu incommodo algum, nem qualquer incidente se produziu. Ha cerca de um anno sobrevieram dôres fortes, e alguns symptomas de peritonite. A doente entrou para a enfermaria de clinica cirurgica do hospital de S. Salvador, em Lille, para se lhe fazer a operação de um tumor. A operação foi laboriosa por causa de numerosas adhrencias do tumor ao intestino. Os operadores poderam todavia extirpal-o na quasi totalidade. As consequencias foram idealmente simples e a operada curou-se completamente em seis semanas. O dr. Follet, dando algumas minudencias d'ordem muito technica para as relatarmos aqui, annuncia á Academia de Medicina que proseguirá nas pesquizas completas sobre a degenerescencia do tumor e que as communicará ulteriormente á Academia.

Caminho de ferro do Monte-Branco. — Ha dias que, no Instituto de Paris, se commenta o audacioso projecto de Essartier, que pretende estabelecer um caminho de ferro para o alto do Monte-Branco. A linha, que partirá de Miage, será introduzida na montanha por um tunel de sete mil e quatrocentos metros, a terminar precisamente debaixo do ponto culminante da montanha. Um poço vertical de doze metros quadrados de diametro e de dois mil e oitocentos de altura partirá d'este ponto para ascender ao alto da montanha. As despezas para esta obra gigantesca estão orçadas em cerca de dois mil contos, e o tempo, em dez annos. O traçado será em linha recta até á fronteira italiana, ladeando-a depois por cerca de mil e quinhentos metros. As rampas não excederão a 30 millimetros.

Exposição typographica.—Está-se celebrando actualmente em S. Petersburgo uma exposição typographica, que attrahe muita gente a visital-a. E' a primeira exposição d'este genero que se verifica na Russia, tendo sido organisada sob a protecção do joven grão-duque Constantino Constantinovitch. A proposito d'esta exposição, affirma se que foi em 1711 que se estabeleceu a primeira typographia, em S. Petersburgo, interessando-se Pedro o Grande pela sua prosperidade. Depois da morte do czar o santo synodo obteve a suppressão da typographia, por ser considerada como uma instituição perigosa. No fim do seculo XVIII havia em S. Petersburgo seis typographias particulares, que tambem foram mandadas fechar pelo czar Paulo. Actualmente são numerosas as typographias na capital da Russia, onde houve sempre imprensas claudestinas ao serviço dos conspiradores e revolucionarios.

O anniversario de Bismarck. — Affirma-se que o imperador Guilherme, os principes allemães, os ministros plenipotenciarios e os generaes commandantes de corpos do exercito irão encorporados a Friedricheruhe, a fim de felicitarem o principe de Bismarck pelo seu 80.º anniversario que se verifica no dia 1 de abril. N'este dia, varias municipalidades da Allemanha plantarão 80 carvalhos em commemoração do mencionado anniversario. As folhas de varvalho figuram nos ornamentos exteriores do brazão do exchanceller.

Balistica moderna.— O capitão Hébler, official do exercito suisso, inventou um novo projectil cujo effeito destruidor, a grande distancia, excede o dos fuzis Lebel, usado pelo exercito francez, e Mauser, usado por alguns exercitos europeus e sul-americanos. O projectil tem a fórma tubular, que o torna semelhante a uma penna de ganso, cuja abertura anterior tenha diametro maior que o da parte posterior. Para atirar a bala a 6:000 metros bastam 2 grammas de polvora. Com uma espingarda equivalente á Lebel, a velocidade inicial do projectil attinge a 1:215 metros. A penetração da bala é de tres metros em um tronco de pinho. Essa velocidade excede ainda de 1:000 metros a uma distancia de 500 metros. A 2:500 metros, a força de penetração é de $1^m,25$, com uma velocidade de 800 metros por segundo. Para chegar ao seu alcance maximo, o projectil gasta 9 segundos, e atravessa sem esforço um pedaço de pinho de 10 centimetros de espessura. Até hoje ainda não se obteve resultado igual.

Envenenamento pelo abuso do tabaco.—O abuso do tabaco produz graves perturbações chronicas e agudas. O dr. Faverger, de Vienna d'Austria, notou que a autopsia revelava a degeneração gorda do coração. Este clinico distingue quatro classes de fumadores.

1.º—Os que engolem o fumo. Em este caso a nicotica obra sobre a mucosa pulmonar e não sobre a mucosa do estomago, pois os fumistas de esta classe *inhalam* o fumo e não o *engolem*, como lhes parece.

2.º—Os fumadores que apenas aspiram o fumo. N'estes a acção da nicotina limita se á pharynge e á larynge.

3.º—Os fumadores que conservam o charuto ou cigarro constantemente na bocca. Estes obsorvem com a saliva uma grande porção de nicotina que actua sobre o estomago.

4.º—Os fumadores que usam boquilha. Eis os meios de evitar o nicotismo chronico:

1.º—Nunca fumar em jejum, de modo a limitar o numero de charutos ou de cigarros, a fazer actuar a nicotina, quando o estomago está cheio e a aproveitar a acção anti-microbica do acido tanico contido no vinho tinto, chá, café, etc.

2.º—Não conservar o charuto ou o cigarro na bocca por muito tempo.

Os perfumes.—O cirurgião-mór do exercito inglez, o dr. Sampson, fez,durante vinte annos consecutivos, as muis interessantes experiencias á cerca da influencia dos perfumes sobre as mulheres; e d'essas experiencias resulta que determinados perfumes provocam determinadas modificações estatisticas e dynamicas quer physicas quer moraes. Assim,a violeta predisporá para a piedade e devoção;o benjoim, para os sonhos e a poesia; o patchuli para o hysterismo; o couro da Russia, para a lascivia;o opoponax, para todos os appetites sensuaes etc. Emfim dize-me os perfumes que aspiras e dir-te-hei as manhas que tens.

E' como deve ser rectificado o velho proloquio consagrado pela sabedoria das nações.

Diamantes.—O stock de diamantes do mundo tem augmentado extraordinariamente durante os ultimos annos. Em 1876 a producção das minas de Africa foi de cerca de 1.500:000 quilates. Quatorze annos mais tarde era de mais 4.000:000 e o grande syndicato que domina todas as minas principaes affirmou ha algum tempo que a perspectiva era de 16.000:000 quilates. Calcula-se que mais de oito toneladas de diamantes foram descuterrados nas minas sul-africanas nos ultimos dezoito annos. Essas toneladas representam um valor total de 1.080.000:000$000 réis.

Varias noticias. — No dia 12 de corrente, foi lançado á agua em Cadiz o novo cruzador da marinha hespanhola *Carlos V*, ceremonia que devia verificar-se no dia 10, mas que teve de ser addiada por causa do temporal. O lançamento fez-se sem incidente, sendo numerosissima a multidão que assistiu á imponente solemnidade maritima.

— Um jornal scientifico americano diz que se podem conservar os limões, collocando-os em agua fresca que se renovará todas as semanas. Os limões tornam-se d'este modo muito summarentos e podem conservar-se assim durante alguns mezes.

— Segundo refere um jornal estrangeiro, o rancho distribuido a cada soldado japonez consta de 1 kilg. de arroz, 300 grammas de carne e alguns legumes. Durante a marcha, porém, os soldados teem que se contentar com bolos de arroz e milho.

SECÇÃO HISTORICA

Carta de D. Dionisio, Prior de Santa Cruz de Coimbra, a El-Rei D. João III sobre o pagamento dos Lentes do Collegio das Artes.

Senhor. — A Graça, e Consolação do Espirito Santo seja com Vossa Alteza. Mestre Manuel de Pina, que os annos passados leu um curso d'artes em estes collegios por provisão de Vossa Alteza, me pediu por muitas vezes escrevesse a Vossa Alteza em como elle acabára seu curso, e não lhe fôra pago do quarto anno que lêra cousa alguma, e inda do segundo anno lhe não fôra pago mais de vinte mil réis (e assim é verdade) o que diz que foi por erro. E posto que o nosso Padre Frei Braz em principio d'estes collegios praticasse com os Regentes d'Artes, que em tres annos haviam de acabar seus cursos, e se os não acabassem, que gratis haviam de ler todo o que lhe ficasse até á festa da Purificação de Nossa Senhora que vem em o mez de fevereiro, com tudo isto se não guarda ao menos desde o curso que leu Mestre Luiz Alvares até ora; porque a todos Vossa Alteza mandou pagar o quarto anno inda que em elle não leram mais de duas horas cada dia, assim como em os mais annos em que liam quatro horas, e duas de reparações, que não se é por Vossa Alteza não ser d'isto informado.

Item. Porque os ouvintes da primeira regra são muitos, e não liam estes dias mais que dous Mestres a estes ouvintes, ao que bem não podiam supplir; e por até o presente Vossa Alteza mandar em esta regra lêr tres Mestres, e agora faltar um haverá quinze dias, que me veiu fallar um Estudante bom grammatico, que se chama Manuel Navarro que leria uma regra d'estas, e pela necessidade, que havia, eu lhe dei licença que lesse; e porém que havia de ser gratis até Vossa Alteza se assim houvesse por seu serviço lhe mandar pagar o salario como aos outros dous Regentes d'esta primeira regra, o que elle acceitou, e já lê a boa quantidade de ouvintes, e parece que fará proveito; porque além de ser bom Latino entendem-no bem os moços; por ser Portuguez. Nosso Senhor dê a Vossa Alteza muita vida, e saude. De Santa Cruz em vinte seis de junho de mil quinhentos quarenta e quatro—Donus Dionisius Prior Castrarius Sanctæ Crucis—A El-Rei Nosso Senhor:—

SECÇÃO SCIENTIFICA

A FORTUNA

A mythologia antiga considerava a fortuna, filha de Jupiter, como uma deusa cega, caprichosa e bizarra, que presidia a todos os acontecimentos e distribuia, segundo o seu capricho, os bens e os males. O templo da Fortuna, que era o mais afamado da antiguidade, estava situado em Preneste. Não restam d'elle mais do que as ruinas e o primeiro muro inferior, feito de tijolo, vendo-se uma grande quantidade de nichos enfileirados em duas linhas e sobrepostos uns aos outros. O templo occupava a parte da montanha onde estavam as habitações dos sacerdotes e sacerdotisas da deusa. O altar ficava quasi no alto da montanha, coroada d'um bosque sagrado e um pequeno templo dedicado a Hercules. O sitio do templo, onde a fortuna ditava os seus oraculos, é hoje occupado pelo palacio Barberini. A palavra fortuna, nos tempos modernos, indica a posse d'um capital cujo rendimento assegure o bem estar d'aquelle que o gosa. A ideia da fortuna é puramente relativa, assim como a ideia da felicidade. Ha individuo que se teria na conta de miseravel com um rendimento que para outro seria uma fortuna. A economia politica tem estudado a influencia das grandes fortunas e das fortunas medias em um estado. Toda a gente é unanime em protestar contra a egualdade das riquezas sonhadas por alguns economistas. Está no entretanto reconhecido que não é a concentração das fortunas nas mãos d'um pequeno numero d'individuos que constitue a riqueza nacional.

Está, pelo contrario, demonstrado que a participação de todos no bem-estar, como uma recompensa justa do trabalho, era o fim a que devia visar o melhor systema economico e social.

SECÇÃO OFFICIAL

MONOPOLIO DOS PHOSPHOROS E DA ISCA

A folha official publicou o decreto dictatorial, referendado por todos os ministros, auctorisando o governo a adjudicar em concurso publico o exclusivo do fabrico de accendalhas e palitos ou pavios phosphoricos. Continua livre a importação e a venda de pavios phosphoricos estrangeiros, mediante o pagamento dos direitos da actual pauta, devendo ser os typos importados eguaes aos que forem fixados pelo governo para a fabricação nacional. E' prohibida a importação de isca estrangeira, ficando a de fabricação nacional sujeita ao imposto de 50 réis por metro, e só podendo ser vendida em córtes ou tiras de um metro de cumprimento. Se, porém, dentro de vinte dias a contar de 16 do corrente, os fabricantes nacionaes de isca, todos ou em maioria, declararem, perante os governadores civis dos respectivos districtos, que preferem a expropriação á continuação da sua industria, deverá o adjudicatario d'aquelle exclusivo, proceder á expropriação das fabricas de isca nacional, ou á do machinismo especialmente destinado a esse fabrico nas fabricas em que se explorar outra industria, nas mesmas condições que para a expropriação das fabricas de phosphoros, ficando ao adjudicatario expropriante o exclusivo da fabricação de isca no paiz. Se os fabricantes de isca nacional não optarem pela expropriação do seu fabrico, começará o imposto de 50 réis a cobrar-se, pela fórma que os regulamentos determinarem, no praso de quarenta dias a começar da data acima mencionada. Fica o governo auctorisado a regular a importação e venda de qualquer artigo destinado a substituir o uso de pavios phosphoricos, por fórma a não diminuir o consumo dos phosphoros nacionaes e a publicar os regulamentos necessarios para a execução do presente decreto.

*

O *Diario* publicou tambem o programma do concurso para a adjudicação do referido exclusivo. A concessão é pelo tempo de 30 annos. Só poderão ser admittidos ao concurso os concorrentes que provem haver depositado provisoriamente na caixa geral de depositos á ordem do ministerio da fazenda, a quantia de 12:000$000 réis em dinheiro ou titulos de divida publica pelo seu valor no mercado. A base para a licitação e adjudicação é a renda annual, liquida, a pagar ao thesouro, de 260:000$000 réis. Terá preferencia o concorrente que sobre essa base offerecer maior renda. A renda por que fôr adjudicado o exclusivo do fabrico de phosphoros será acrescida de 347$000 réis por cada série de 1:000 grosas de caixas, alem de 750:000 grosas de producção annual. O preço da adjudicação do exclusivo será, em cada anno, pago pelo concessionario em prestações mensaes, cada uma no ultimo dia do mez vencido, por meio de guia passada pela administração geral das alfandegas e contribuições indirectas.

§ unico. A primeira prestação será paga dentro de sessenta dias a contar do da adjudicação definitiva.

O concessionario não poderá tomar posse de nenhuma das fabricas sem ter embolsado os respectivos proprietarios do preço total da expropriação, ou entrado com este na caixa geral de depositos, nem poderá prolongar, alem de dez dias improrogaveis, o pagamento das quantias que tiverem sido estipuladas por accordo com os proprietarios, ou fixadas pelo tribunal arbitral.

O concessionario é obrigado a ter em laboração, pelo menos, duas fabricas, uma em Lisboa e outra no Porto, ou nos suburbios d'estas duas cidades.

Admittirá e conservará nas suas fabricas todo o pessoal operario das fabricas existentes, comprehendendo-se n'esse pessoal os fabricantes da pequena industria, garantindo-lhes vencimentos equivalentes aos que actualmente percebem. E tambem a abastecer o mercado e fornecer ao publico accendalhas e pavios ou palitos phosphoricos de boa qualidade, dos typos seguintes:

N.º 1—phosphoros ordinarios, de phosphoro branco com enxofre.

N.º 2—phosphoros de segurança: ou amorphos, de madeira.

N.º 3—phosphoros de cera, de phosphoro branco.

O preço não excederá:

5 réis por cada caixa, contendo 55 a 60 phosphoros, do typo n.º 1.

10 réis por cada caixa, contendo 50 a 55 phosphoros, do typo n.º 2.

10 réis por cada caixa, contendo 35 a 40 phosphoros, do typo n.º 3.

Os preços serão pagos nas ilhas dos Açores em moeda insulana.

Os preços para os revendedores terão desconto não inferior a 10 p. c.

Os palitos ou pavios phosphoricos terão comprimento e espessura não inferior aos marcados na seguinte tabella.

Para phosphoros ordinarios de phosphoro branco com enxofre—cada palito, comprimento 60 millimetros, espessura 2.

Para phosphoros de segurança ou amorphos de madeira— cada palito, comprimento 50 millitros, espessura 2.

Para phosphoros de cera de phosphoro branco—cada pavio, comprimento 35 millimetros, espessura 2.

As caixas de phosphoros indicarão em etiqueta, ou por outra fórma, a denominação, marca e situação da fabrica e o numero e a quantidade de phosphoros.

O concessionario poderá, mediante approvação do governo, fabricar e vender ao publico outros typos de phosphoros, sendo o preço fixado pelo governo, de qualidade accordo com o concessionario.

Durante o praso da concessão, só ao concessionario é permittida a importação e venda de phosphoro branco, de phosphoro amorpho e de massa phosphorica.

Fica, comtudo, o concessionario obrigado a fornecer, pelo preço do custo, essas materias primas, necessarias para usos pharmaceuticos e para o fabrico de fogos de artificio.

O governo terá a faculdade de augmentar os direitos de importação dos phosphoros estrangeiros, se, em virtude de premios de exportação, concedidos por alguma nação, os actuaes direitos não protegerem efficazmente a industria nacional.

E' prohibida a importação de isca estrangeira, ficando a de fabricação nacional sujeita ao imposto de 50 reis por metro, e só podendo ser vendida em córtes ou tiras de 1 metro de comprimento, como em regulamento especial se determinará.

SECÇÃO AGRICOLA

LEVEDURAS SELECCIONADAS

O que é isto? Para que serve? Como se emprega? São interrogações estas que acodem ao espirito do todo o vinicultor martelado ha tempos, e insistentemente, em livros e em jornaes com essas duas palavras que pouco a pouco se lhe fixam no pensamento como coisas magicas capazes até de tornarem o vinagre em vinho. A esse cumulo o podem conduzir annuncios charlatanescos e precipitados elogios faltos de criterio, assim como ao excesso contrario o levarão immediatamente os insucessos na pratica, provindos, de esperanças e ambições impossiveis de satisfazer. E porque o publico vinicola não está sufficientemente informado e se pode permittir juizos temerarios ou demasiado benevolos ou por demais deprimentes sobre o valor de leveduras seleccionadas no trabalho dos mostos, convem que em termos chãos se estabeleça a verdade dos factos. E' o que vou tentar. Ora pois, os meus leitores sabem que a fermentação do mosto, esse phenomeno que faz vinho, é obra d'uns vegetaes infinitamente pequenos que têm a propriedade de transformar o assucar em alcool, o mosto em vinho. A esses vegetaes, apenas visiveis ao microscopio, é que se chama *leveduras*. Assim como entre as plantas, que os nossos olhos veem sem necessidade artificias, ha infinidade de variedades, assim tambem entre esses vegetaes, que nós não vemos, mas cujo merito reconhecemos, porque sem a presença d'elles no mosto nunca seria dado o goso de beber vinho, existe consideravel numero de castas. Posto isto attendam quantos me lêem, ao facto de que, na cultura dos campos, cada qual cultiva a planta que mais lhe convem, evitando por todas as formas que outras castas venham ou abafar o normal desenvolvimento da preferida ou minguar-lhe os resultados.

Transportando este caso rural de todos os dias para o trabalho do mosto, tenho explicado qual o intuito da *levedura celeccionada* no fabrico do vinho. Seleccionar, quer dizer escolher, e portanto levedura seleccionada e levedura escolhida d'entre muitas como a que melhor serviço pode prestar em determinadas condições. E não se julgue que esta escolha consiste apenas em preferir, para provocar e conduzir a fermentação do vinho, mosto de Collares a mosto do Dão ou o de Bucellas ao de Carcavellos; não. Em cada uma d'estas leveduras ha muitissimas castas d'entre as quaes é mister seleccionar as melhores formas, as que mais depressa e mais vantajosamente conduzem ao fim desejado. Percebe-se por isto que não está ao alcance do vinicultor o seleccionar levedura, mas empregar as que lhe forneçam os laboratorios de fermentação. Mas vejamos qual é esse fim desejado a que me reportei. Afastando toda e qualquer exploração do commercio pouco escrupuloso, cumpre affirmar aos viticultores, bem alto e cathegoricamente, que a levedura seleccionada não transforma um vinho mas apenas o melhora e pode em alguns casos approximal-o d'um ou d'outro typo que com elle tenha certas affinidades.

Não transforma um vinho verde em maduro, nem um vinho branco em tinto, nem um vinho de caldeira em delicioso Bucellas, nem um carrascão em Collares; faz porém um melhor Collares, um melhor Bucellas, um melhor vinho verde e pode até chegar quando se apliquem leveduras estrangeiras aos nossos mostos a approximar um vinho do Minho ou de Collares do de Bordeus, que com aquelles tem muitas affinidades, ou mesmo, não saindo do reino, a melhorar um verde do norte com levedura do equilibrado Collares, approximando-o alguma coisa de este typo. E' preciso accentar isto.

Não é só porque o emprego d'esta ou d'aquella levedura d'um vinho celebre póde talvez fazer parecer um vinho muito ordinario a esse typo selecto, quando entre os dois haja determinadas affinidades, que um vinicultor deve fazer uso da levedura seleccionada. Assim é que ha toda a vantagem, o que á primeira vista parece um contrasenso, em empregar levedura seleccionada de Bucellas, por exemplo, na região do mesmo Bucellas. Como já disse as leveduras não variam só conforme as regiões, mas em cada mosto ha castas differentes de leveduras, umas favoraveis, outras menos uteis e ainda algumas completamente desvantajosas á producção de bom vinho. Actuando livremente succederá muita vez prevalecer alguma d'estas sobre a primeira, como acontece sempre quando a colheita estiver mildiusada, quando o tempo correr humido, etc. Ou mesmo que não prevaleça, trabalhando em commum com os bons elementos, apouca-lhes o valor ou não os deixa brilhar em toda a sua plenitude. Ora é isto exatamente que se evita pelo uso de levedura seleccionada que misturada ao mosto póe logo em acção o bom germen que se multiplica e actua com rapidez, abafando os maus fermentos, aniquilado-os e conduzindo elle só, a bom fim, o mosto que lhe foi confiado. — *D. Luiz de Castro.*

SECÇÃO LITTERARIA

CONQUISTA FRUSTRADA

A JULIO DE SAMPAIO DUARTE

Ninguem diria ao vêl-o, aqui ha annos,que n'elle se operaria uma transformação tão rapida e sensivel. Então raras vezes apparecia; parece que lhe fazia mal o grande bulicio e, quando fallava com alguma rapariga, quasi que obrigado pela força das circumstancias, um certo pejo natural lhe avermelhava o rosto.

Hoje, porém, tudo mudou; a sociedade que elle aborrecia, constitue presentemente um dos seus passatempos favoritos, e n'ella tem encontrado, já por vezes, pessoas, que conscias das suas bellas qualidades lhe tem tributado uma estima fóra do vulgar, affeições sinceras a que elle tem sabido airosamente corresponder.

No campo então era já temido pela sua audacia, e elle que até alli evitava as bellas camponezas, procurava agora constantemente encontrar-se com ellas, bem mostrando que o seu organismo ardente precisava dar expansão ao fluido nervoso que o sobressaltava amiudadamente. Possuidor d'um bello physico e d'uma boa alma, de tal maneira soube captivar a affeição das raparigas, que estas á porfia o disputavam.

. . . . . .

Lá ao fundo da villa, n'um pequeno becco sem sahida,morava em companhia da velha mãe uma rapariguita baixa, d'olhos pretos, que tinha sido creada do nosso heroe e de quem as más linguas por vezes fallavam juntando os dois n'uma vida d'amores faceis. E assim era na verdade.

Houve quem os encontrasse um dia deitados entre as searas já maduras, por um sol d'agosto abrasador, á hora do meio dia, quando o coaxar das rãs, confundindo-se com o zumbido dos abelhões e das cigarras, nos mostra toda essa admiravel symphonia de notas tão variadas formando um conjuncto extraordinario d'harmonia, que sinceramente nos faz crêr na existencia d'um supremo ente.

. . . . . .

Noite d'inverno. A chuva em copiosas bategas cahia estrepitosamente sobre o solo, brilhando á luz dos raros lampeões da villa. Um vento impertinente soprava lá do norte, e uma outra portaria mal fechada batia desabridamente, no meio do silencio da noite, apenas interrompido pela violencia dos elementos.

Um vulto sae d'uma casa sita na praça, dirige-se com passos rapidos para o fundo da villa,e toma pelo pequeno becco sem sahida onde morava uma rapariguita baixa, d'olhos pretos, em companhia da velha mãe. Ella devia esperal-o. A porta entreaberta,claramente o mostrava. A passadas cautelosas, nos bicos dos pés, avança o

vulto mysterioso, e com a respiração offegante, de braços estendidos, pactea pouco a pouco o desconhecido caminho. De repente pára; sente proximo a si a respiração de quem dorme um socegado somno. E' ella, não ha que vêr; adormecera a esperal-o. Pudera, n'uma noite d'aquellas!...

Então, brilhando-lhe nos olhos um fogo estranho, avança resolutamente e ávido da sua presa, depõe um beijo ardente na mulher que se entregara aos braços de Morpheu. Após o beijo umas caricias, quando de repente a velha se ergue sobre a cama gritando com toda a força dos seus pulmões: «Aqui d'El-Rei, ladrões».

.....

Tinha-se enganado na cama e depositára um osculo na enrugada e nojenta face da mãe da rapariguita de olhos pretos, de quem as más linguas por vezes fallavam juntando os dois n'uma vida d'amores faceis.

João Raio.

CARTA DE LISBOA

19 de março de 1895.

As noticias de Hespanha são assumpto importante que prende a attenção de muitos homens politicos. Em Madrid um excesso praticado por militares de cathegoria inferior, deu em terra com um gabinete que governava a aprazimento do paiz com maioria no parlamento. O precedente é mau, mas o que se colhe do modo porque alli se procede politicamente, é que os partidos estão em Hespanha abaixo das conveniencias publicas. Manter alli as instituições juradas, é principio que por cousa nenhuma se oblitera. Caiu o governo de Sagasta, porque não se dispoz a castigar o attentado praticado pelos sargentos da guarnição contra a imprensa. Onde chegarão os successos ninguem o póde prever. O visinho reino agita-se e o que sahirá do que se está passando, difficil é antevel-o.

— Realisou-se ante-hontem em Odemira o annunciado comicio da colligação liberal, que foi immensamente concorrido por homens e mulheres do povo. A auctoridade esteve largamente representada. O sr. Sousa Prado, assumindo a presidencia expôz os fins da reunião—protestar contra a usurpação das regalias populares a que se tem entregado o actual governo. Fallaram em seguida com enthusiasmo e calor os srs. dr. Jacintho Nunes, Carlos Ferreira, Nunes Santos e Alves Correia. Todos os oradores foram victoriadissimos pela assembléa, antes e depois de fallarem. O sr. Jacintho Nunes apresentou uma moção com os seguintes paragraphos:

Protestar energicamente contra a usurpação que o governo tem feito dos direitos politicos do povo portuguez; 2.º empregar todos os meios para o restabelecimento da soberania popular, sob a forma que melhor a traduza e garanta. O sr. Carlos Ferreira tambem apresentou uma moção em que se consigna o protesto do povo de Odemira contra os actos do governo.

— O sr. visconde de Melicio está completamente restabelecido. O sr. Pinheiro Chagas continua a sentir melhoras. E'-me grato poder dar estas noticias.

— E' no sabbado proximo que se verifica a assignatura real.

— O sr. José d'Azevedo já tomou posse da direcção dos negocios de instrucção publica. O sr. Abreu Gouveia tomou-a tambem dos negocios ecclesiasticos. Ambos foram cumprimentados pelos respectivos empregados seus dependentes, como é da praxe.

— O governo ordenou o chamamento de todos os licenciados e de todas as praças de reserva. Os corpos vão, pois, receber um grande contingente de força. Mas para que será isto? perguntamos. O paiz está em paz com toda a gente. O que significa, pois, esta agrupação de forças e por conseguinte a enormidade de despezas que o facto decerto vae causar?

— E' verdadeiramente lamentavel a situação que o paiz apresenta. A emigração absorve todas as attenções. Não absorve porém as do governo que olha para o caso indifferentemente. Pois só n'estes ultimos dias tem sahido barra fóra mais de mil individuos, incluindo mulheres e crianças—familias inteiras. E' o paiz a despovoar-se sendo a causa principal d'este abandono da patria a falta de meios. Apesar d'isso o governo faz politiquice, tripudiando assim sobre as desgraças publicas.

— O sr. conde d'Alto Mearim, que esteve ligeiramente incommodado, está melhor, o que muito estimam os que respeitam o seu caracter.

— O sr. dr. Daniel d'Almeida, que tem estado em Elvas, vem residir em Lisboa. Ha de fazer falta na velha cidade, porque era alli o medico dos pobres, e nas terras proximas o salvador da humanidade—taes foram as curas que fez. Elvas vê com saudade sair de seus muros o illustre medico, que é uma das glorias medico cirurgicas do Brazil.

—Parece que o sr. Annes Baganha, que vae ao congresso de tuberculose, se propõe fazer alli uma declaração medica importante. Se for em beneficio da sciencia, muito terá que agradecer-lhe a humanidade.

— O *Diario* de hontem traz os decretos exonerando de ministro portuguez no Brazil o sr. conde de Paço d'Arcos, e nomeando para o mesmo cargo o sr. Thomaz Ribeiro.

— Os coroneis dos corpos vão promover um beneficio a favor da sociedade da Cruz Vermelha, que tantos serviços tem prestado ao exercito, e que tanto honra a nação. Montam já a bastantes contos de réis a importancia dos objectos mandados por ella para o nosso exercito africano em lucta com o gentio insubordinado. Monta talvez á importante somma de 15:000$000 réis o que para alli tem ido.

— Disse-se em circular aos reitores dos lyceus que, pela direcção geral das contribuições directas, foi resolvido que a propina aos exames de instrucção primaria, a que se refere a lei de 30 de junho de 1893, deve ser paga por meio de estampilha especial de 2$660 réis, collada aos respectivos requerimentos.

— Suicidou-se ante-hontem, disparando um tiro de revolver na cabeça, o sr. dr. Manuel Marques Lima de Figueiredo, chefe da 3.ª secção da repartição dos caminhos de ferro no ministerio das obras publicas. O sr. dr. Figueiredo, que ha bastaute tempo padecia de uma anemia cerebral, andava ultimamente muito aprehensivo e estava para ir a Paris procurar remedio á sua doença. Ante-hontem, pelas 11 horas da manhã, fechou-se no seu quarto, no hotel Alliança, e disparou um tiro na cabeça, cahindo de bruços. Sendo chamada a policia, foi o sr. dr. Figueiredo conduzido ao hospital de S. José, onde lhe fizeram a operação do trepano, não sendo possivel extrahir-lhe a bala. Em seguida á operação morreu. Este foi por doença que supoz incuravel que poz termo á existencia.

— Ante-hontem á noite, por volta das 9 horas, foi descoberto incendio na fabrica da Companhia Lisbonense de Tinturaria e Estamparia, em Alcantara, conhecida entre o vulgo pela fabrica da Quinta do Cabrinha. Apesar da promptidão dos soccorros e da solicitude com que se trabalhou, o incendio assumiu grandes proporções, e em menos d'uma hora reduziu a cinzas quasi toda a fabrica, que occupa uma área consideravel. A fabrica incendiada divide-se em dois corpos: o principal, que comprehende as casas da caldeira, da lavagem, estufa, estamparia, etc.; e outro onde estão estabelecidas a casa da marcação, a officina de serralheria, o escriptorio, etc., etc. Os dois corpos são divididos por uma ponte de madeira. Pois o incendio destruiu todo o corpo principal e ainda foi reduzir a cinzas a ponte e a casa da marcação, e se não tivessem sido tão atinadamente dirigidos os trabalhos dos bombeiros, teria ardido tudo. Os prejuizos são importantissimos, principalmente nas machinas e nas fazendas já estampadas, que se perderam todas. Salvaram-se algumas fazendas em branco, bem como a escripturação. A área incendiada calcula-se n'uns 30 metros quadrados. A fabrica occupava 120 operarios, que ficam sem trabalho emquanto o edificio não for reconstruido. O serviço de extincção do incendio foi dirigido pelo activo inspector dos incendios, sr. Augusto Ferreira, com a proficiencia que lhe é conhecida. Auxiliou-o o instructor sr. João Gomes Costa. Compareceu todo o material do municipio com o seu pessoal, bem como os voluntarios de Lisboa, Imprensa Nacional, Ajuda, Belem, Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, da Junqueira, dos Terremotos, da fabrica Daupias, etc. Tambem esteve uma força de 50 marinheiros da armada, sob o commando do sargento sr. Sousa. Um dos directores da companhia a que pertence a fabrica, esteve no local do sinistro, tomando apontamentos dos nomes de muitos populares que prestaram serviços no salvamento de fazendas. Está-se tratando de averiguar as causas do incendio, que não foi possivel reconhecer ante-hontem, tendo-se apenas averiguado que elle tivera origem n'um armario que servia de arrecadação ao fogueiro João Gonçalves. Apesar da chuva que cahiu em abundancia durante o incendio, a multidão de curiosos não arredou pé das proximidades da fabrica e foi necessaria a força da guarda municipal para evitar que o recinto reservado aos trabalhos fosse invadido. O seguro da fabrica é de 294:000$000 reis, dividido pelas Companhias: Commercial Union, 20:500$000; Norwich Union, 35:000$000; Bonança, 30:000$; Garantia, do Porto, 15:000$000; Fenix, 20:000$000; Tagus, 35:000$000; Fidelidade, 30:000$000; Previdencia, 25:000$000; Queen, 10:000$000; Confiança Portuense, 10:000$000; Segurança, do Porto, 5:000$000; Portugal, 15:000$000; Probidade, 5:000$000; Tranquillidade, 10:000$000; Indemnisadora, 18:000$000; The Liverpool, London e Glebe, 10:000$000.

— No dia 1 de abril, começam a vigorar, segundo um accordo feito entre a companhãa do cabo submarino e as colonias do Cabo e Natal, as taxas reduzidas dos preços dos telegrammas. E' provavel que antes d'essa epoca esteja tambem assignado o novo accordo que a companhia está negociando com o governo portuguez e que a partir d'aquella data fiquem tambem reduzidas as taxas dos telegrammas entre Lisboa, Moçambique e Lourenço Marques. A reducção é importante, e parece que haverá uma reducção especial para os telegrammas destinados á imprensa, o que é justo.

— O governo mandou a todos os administradores do concelho o seguinte questionario:

1.º—Qual a sua população? 2.º—Quaes os numeros de eleitores e elegiveis? 3.º—Qual a receita do concelho, com designação de propria—de instrucção—de viação, referida ao anno proximo findo? 4.º—A camara municipal funcciona em edificio proprio? 5.º—Quaes as demais repartições publicas que funccionam em edificios da camara municipal? 6.º—Tem a camara contrahido emprestimos? Qual a sua importancia? Tem pago regularmente as respectivas prestações? Quando termina a amortisação? 7.º—Qual a importancia das contribuições directas lançadas pela camara, das cobradas e das que ficaram em divida? 8.º—Tem lançado contribuições indirectas? Qual a sua importancia? 9.º—Tem satisfeito as despezas com: serviços dos expostos? Vencimentos dos funccionarios a cargo do cofre municipal? 10.º—Estão em dia os pagamentos das demais despezas obrigatorias? 11.º—Qual o estado da viação a cargo da camara? Quaes as obras começadas e não concluidas? 12.º—Quaes as obras feitas nos ultimos dez annos e qual o seu valor e respectivos encargos, bem como os de conservação? 13.º—Existem estabelecimentos industriaes no concelho? Quaes os capitaes em circulação e pessoal empregado? 14.º—Quaes os ramos mais importantes do commercio no concelho? 15.º—Com quanto contribue o concelho para as despezas geraes do estado? 16.º—Quantos facultativos de partido municipal ha no concelho?

— Foi definitivamente nomeado thesoureiro da camara de Lisboa o sr. Augusto Machado, escriptor e maestro.

— Fizeram-se os seguintes despachos administrativos:

José Pedro Correia de Mendonça e Olivença, nomeado administrador substituto do concelho de Idanha-a-Nova.

Bacharel Antonio Duarte da Fonseca Falcão, exonerado de administrador do concelho de S. Vicente da Beira.

Bacharel Pompeu Guedes Coutinho Garrido, secretario geral do governo civil do districto de Leiria, licença de 30 dias por motivo de doença.

José Maria de Moura e Brito, nomeado para o referido logar.

—Foram postas a concurso as seguintes egrejas:

Covões, Santo Antonio, Cantanhede, diocese de Coimbra.

Comeira, S. Sebastião, Penella, diocese de Coimbra.

S. Martinho de Mouros, Rezende, diocese de Lamego.

Soutello, Villa Pouca de Aguiar, diocese de Braga.

Ventosa, Vouzella, diocese de Vizeu.

Y.

—

A' ultima hora.—Falla-se muito em suspensão de garantias, e em actos de força que o governo projecta pôr em acção. Em pleno caso de suspensão de garantias está o paiz ha muito. Desde que da lei organica não existe senão o nome, desde que não ha parlamento, desde que a lei é letra morta nas mãos d'este tão salutar governo, as garantias constitucionaes desappareceram por completo, e decretar a suspensão d'ellas será apenas luxo pueril de formulas.

— A minoria republicana da camara de Lisboa acaba de formular o seu protesto, despedindo-se do serviço camarario. O sr. conde de Restello já havia declarado que não voltaria a occupar o seu logar. A agrupação municipal lisbonense vae-se assim destazendo aos poucos. O que resta d'aquella corporação são apenas, agora, elementos governamentaes.

— Falla-se em que o governo pensa na preparação d'uma *pavorosa* que virá *completar-lhe* os planos. Entretanto El-Rei prepara-se para ir por estes dias para as Vendas Novas, com o fim de assistir alli á experiencia de tres bocas de fogo de novo systema que ainda não estão adoptadas n'este paiz. São um canhão-rewolver, uma peça authomatica e uma metralhadora. Diz-se que o auctor, o fabricante Maximi, virá dirigir as operações. E n'isto se gastam as forças intellectuaes d'um soberano, cujos cuidados, no momento actual, deviam ser muito outros.

Y.

ANNUNCIOS

MUITA ATTENÇÃO

VENDE-SE uma banca com 12 gavetas propria para um estabelecimento de fazendas ou mercearia ou para cosinha, medindo 2m,64 de comprido por 0m,80 de altura, assim como 3 varandins de ferro, bonito desenho, proprios para janellas, com 1m,7 de largura, por 0m,90 de altura, e uma prensa nova de copiador com todos os seus pertences. N'esta redacção se diz.

LOTERIA

A commissão executiva da loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, incumbe-se de remetter qualquer encommenda de bilhetes ou decimos, logo que ella seja acompanhada da sua importancia e do seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao secretario.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 18 de dezembro de 1894.

O secretario

José Murinello.

FUNDIÇÃO DO OURO

PORTO

Sr. redactor do *Campeão das Provincias*.—Para que o publico tenha conhecimento de quanto na **Fabrica da Fundição do Ouro** se trata *constantemente* de dar ás suas construcções mechanicas, a par da maior solidez e perfeição, toda a possivel elegancia, rogo-lhe o especial favor de mandar publicar no seu importante jornal o attestado que junto envio, o qual muito se recommenda pelo facto de ser passado por um industrial tão auctorisado e *pela circunstancia de nos ter obsequiado com encommenda de 3 importantes caldeiras geradoras de vapor, dentro de tres annos.*

Sou com consideração

De v. etc.

S. C.—Porto e Fundição do Ouro, 31 de janeiro de 1895.

O director gerente,

Luiz Ferreira de Souza Cruz.

—

Tendo-me o sr. Luiz Ferreira de Souza Cruz, digno gerente da NOVA COMPANHIA DA FUNDIÇÃO DO OURO, fornecido tres caldeiras geradoras de vapor para a minha Fabrica de Tecidos, sita nas Devezas, Villa Nova de Gaya, a 1.ª construida em novembro de 1891, do comprimento de 5m,56c. e de diametro interior 1m,70c., que principiou a funccionar em julho de 1892; a 2.ª, de egual medida, construida em março do corrente anno e que principiou a funccionar em julho do referido anno; e ainda a 3.ª construida em agosto do anno presente, do comprimento de 4m,20 c. e diametro 1m,50 c. que principiou a funccionar em outubro p. p. (1894), todas do systema PANTIN; declaro que me dou por completamente satisfeito muito principalmente das duas ultimas, de uma construcção segura e elegante, que honra sobremaneira a fabrica onde foram construidas. Faço tambem conhecido que as duas primeiras estão carimbadas a 7 kilos e a terceira a 8 kilos, pressão a que podem funccionar.

Villa Nova de Gaya, 1 de dezembro de 1894.

(a) *José Mariani.*

VENDE-SE

UMA horta á Fonte dos Amores, denominada *Horta do Gravelho*. Quem a pretender dirija-se a Jacintho Agapito Rebocho.

CONSULTORIO MEDICO-CIRURGICO

DE

ARMANDO DA CUNHA AZEVEDO

Rua dos Mercadores, n.º 10—1.º andar

AVEIRO

As pessôas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR DEHAUT DE PARIS não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario. 5 fr. e 2 fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

CHA' PURGATIVO

(Systema Chambard)

De todos os purgantes conhecidos é este o mais gradavel.

—=(*)=—

CAPSULAS DE GUAYACOL COMPOSTAS

Usadas com grande resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES CHRONICAS, LARYNGITES, ASTHMA, FISICA, em todos os graus, TUBERCULOSE, etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

UNGUENTO SANTO

preparado na

Pharmacia Barral

HERPES, EMPIGENS, DACTROS, SARNA, E QUAESQUER OUTRAS AFFECÇÕES CUTANEAS curam-se com o uso d'este unguento.

Trinta annos de bom exito, são os attestados mais valiosos que podemos apresentar para provar a sua efficacia.

—=(*)=—

Xarope Peitoral

(Codeina e Tolu)

Empregado com bom resultado nas TOSSES REBELDES, BRONCHITES, LARYNGITES, ASTHMA, TOSSE CONVULSA, PNEUMONIA, TISICA, etc., etc.

PHARMACIA BARRAL

126, Rua Aurea, 128

LISBOA

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvado por decreto de 2 março de 1895; edição conforme a official.

Este diploma official veiu alterar completamente o regimen dos corpos administrativos, conferindo mais attribuições a uns, supprimindo regalias de outros, creando funcções novas, etc., etc. E' portanto indispensavel não só a todas as corporações, sujeitas a legislação administrativa, como camaras municipaes, juntas de parochia, irmandades, etc., mas aos respectivos vogaes e funccionarios administrativos, e em geral, a todos os cidadãos.

Preço 240 réis. Pedidos *á Bibliotheca Popular de Legislação*, rua da Atalaya, 183, 1.º—Lisboa.

N. B.—Esta é a *unica* edição de Lisboa que contém todas as rectificações ao codigo, insertas no *Diario do Governo* de 7 do corrente, algumas das quaes são importantissimas, e que traz as *erratas* officialmente declaradas e o unico que tem indice.

SUCCESSO LITTERARIO

A CARTEIRA D'UM LATINO

CHRONICAS, LEGENDAS & CANÇÕES

POR

EMYGDIO D'OLIVEIRA

Um magnifico volume em 8.º grande de 356 paginas, nitidamente impresso, 600 réis. Pelo correio 670 réis.

Deposito: «Livraria Popular Portuense» de Antonio J. Fernandes, 44, Largo dos Loyos, 45, Porto, e em todas as livrarias.

NOVIDADE

PORTUGAL E BRAZIL

Apontamentos para a historia do nosso conflicto com a Republica dos Estados Unidos do Brazil

POR

AUGUSTO FORJAZ

Este livro torna-se necessario a todos que quizerem saber dos factos occorridos no Rio de Janeiro e Buenos-Ayres durante a permanencia alli das corvetas *Mindello* e *Affonso de Albuquerque*, do procedimento dos officiaes da armada Augusto de Castilho e Francisco Oliver, e de tudo quanto se relaciona com o processo d'estes officiaes.

São, entre outros, documentos elucidativos d'este livro, correspondencias de Buenos-Ayres, commentarios dos jornaes *Siècle*, *Matin*, *Economista*, *Seculo*, *Tarde* e *O Paiz* —manifesto de Saldanha da Gama—Cartas authenticas de Augusto de Castilho e Visconde da Ribeira Brava—Artigos de Rodrigues de Freitas e Conselheiro Martens Ferrão e a «Desaffronta», opinião do governo brazileiro.

PREÇO 200 RÉIS

A' venda nas principaes livrarias e kiosques de Lisboa, Porto, Coimbra, etc.

Remette-se um exemplar a quem mandar pelo correio em sellos 220 réis a Castro & Irmão, Rua do Marechal Saldanha, 31-33.—LISBOA.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem. Os frascos devem conter o retrato, e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

FUNDIÇÃO DE FRADELLOS

DE

PAÇA & FILHOS

PORTO

CONSTRUEM motores hydraulicos, coberturas metallicas, prensas para vinho e azeite, bombas e estanca-rios, portões e grades, linhas d'eixos e polias, columnas e tubos de ferro, guindastes e guinchos, motores para vento, reparações em machinismos e outras obras.

OS ORPHAOS DE CALECUT

ROMANCE HITORICO MARITIMO

ORIGINAL DE

H. LOPES DE MENDONÇA

Um lindo volume adornado de magnificas gravuras a côres, desenhos do distincto pintor João Vaz. E' um dos romances que melhor acceitação tem tido em Portugal. Esplendido enredo, commovedoras scenas dramaticas, sobresahindo a descripção da heroecidade da mulher portugueza que atravessa todos os perigos para ir á India em busca dos filhos queridos que lá tinham ficado sem pãe, que os mouros mataram em rija peleja.

Um elegante volume 800 réis. Pelo correio 850 réis. Por assignatura 60 réis cada semana. As gravuras são offerecidas como brinde a todos os assignantes. Dirigir pedidos a qualquer livraria do Porto ou da provincia, ou á Empreza Editora Mello d'Azevedo & Comp.ª, 147, Rua dos Retrozeiros, 147, Lisboa.

Está já a imprimir-se o bello romance original de D. João da Camara intitulado

EL-REI

Seguindo-se outros romances dos eminentes escriptores: Pinheiro Chagas, Antonio Ennes, Souza Monteiro, Visconde de Castilho, Zepherino Brandão, etc. Tudo romances genuinamente portuguezes, adornados com formosissimas gravuras a côres, que são offerecidas como brinde a todos os assignantes.

Em Aveiro é correspondente da Empreza o sr. Fontes & C.ª

CAPSULAS MOLLES

DE

OLEO DE FIGADOS DE BACALHAU

ARRIAGA & LANE

Arriaga & Lane, sabendo o preço elevado por que se encontram no commercio as Capsulas molles de oleo de Figado de Bacalhau de marca estrangeira, resolveram apresentar ao publico producto similar, por preços accessiveis a todas as bolsas. Uma caixa de origem estrangeira contendo 24 capsulas de 3 gr. cada, é vendida pelo preço de 600 reis. As nossas caixas contendo o mesmo numero de capsulas tambem de 3 gr., custam apenas 300 reis.

Modo de Usar:—Salvo indicação medica especial, usar de 3 a 6 por dia, molhando-as em agua antes de tomar, para facilitar a deglutição.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Para as creanças ou pessoas muito dereis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *unch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

As pessoas que querem um PURGATIVO de primeira qualidade, agradavel de tomar, que não exige regimen especial algum nem modificação alguma nos habitos e occupações, fazem uso das AFAMADAS PILULAS PURGATIVAS do Doutor DEHAUT de Pariz. 2f50 5f Qualquer caixa cujo rotulo não levasse o SELLO da UNION DES FABRICANTS applicado como um sello do correio é uma FALSIFICAÇÃO contra a qual os doentes devem acautelar-se com todo cuidado.

GRANDE FABRICA NACIONAL DE CARRUAGENS

ALMEIDA NAVARRO

RUA DA PALMA, 256

LISBOA

ESTA casa continua como sempre a construir trens de todos os systemas e com as mais modernas invenções referentes a esta industria. Tem actualmente para vender coupés, caleches, landaus, lauda netets, breachs, phaeton-tylbury, phaeton breack, etc. Apesar de já serem conhecidas as magnificas construcções que aqui se fazem, todos os carros são garantidos para maior segurança dos ex.mos compradores.

SELLOS DE CORREIO!

Antigos e actuaes, de preferencia de Portugal e das Colonias, desejo compral-os e pago preços mais elevados do que qualquer outro; por exemplo—1853 D. Maria 100 réis, pago 10$000!

OTTO MANGOLD-FRANCFURT AM

BETTINASTR, 35.—ALLEMANHA

CONTRA MILDIO E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

A melhor preparação cuprica para formar com a calda bordaleza o tratamento da mais segura efficacia contra os ataques do Mildio por mais violentos que sejam, tornando inutil o emprego do enxofre simples, como provam á evidencia differentes documentos e um folheto contendo indicações praticas indispensaveis para este tratamento absolutamente efficaz e estampas demonstrativas, o qual se offerece gratis a quem o pedir

SULFATO DE COBRE

DE PUREZA GARANTIDA

PULVERIZADORES

Dos melhores auctores de 8$000, 9$000 10$000 réis.

Pedidos á Companhia Portugueza Hygiene; Fabrica a vapor Campo Pequeno, 17, escriptorio, Rocio, 59, 1.º.

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS

E

PHARMACEUTICOS

RUA 24 DE JULHO, 382,—LISBOA

A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODAO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVAO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cupahiba e cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSAO de oleo de figados de bacalhau com hypospho.sphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniat.º de trychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de cascara sagrada: de coca, de coca e kola, de Guarand, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUIBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

UNICO DEPOSITO

DE

FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS

DE

ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87

PORTO

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
POS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pós de Keating.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, defluxo, rheumatismo, dôres, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31

PROPRIETARIO E RESPONSAVEL

MANUEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.